

JORGE EREMITES DE OLIVEIRA
SIBELI APARECIDA VIANA

Agradecimentos: queremos aqui registrar nossos agradecimentos a Walter Alves Neves, pelo estimulante e desafiador convite feito para elaborarmos esta síntese, bem como a Irmhild Wüst, pelas críticas pontuais e importantes sugestões apresentadas durante a leitura do manuscrito. Estendemos ainda nossos agradecimentos a Francisco Silva Noelli, pelas igualmente relevantes críticas apresentadas durante a leitura da versão original, a Paulo Roberto Cimó Queiroz, pela indispensável revisão gramatical, e a Gilson Rodolfo Martins, pelos dados inéditos gentilmente cedidos. Cabe, porém, registrar que todas as idéias aqui apresentadas são inteiramente de nossa responsabilidade.

O CENTRO-OESTE

ANTES

DE CABRAL

JORGE EREMITES DE OLIVEIRA
Laboratório de
Arqueologia
Universidade Federal
do Mato Grosso do Sul.
E-mail:
eremites@zaz.com.br

SIBELI APARECIDA VIANA
Instituto Goiano de Pré-
História e Antropologia
Universidade Católica
de Goiás.
E-mail:
saviana@zaz.com.br

INTRODUÇÃO

O Centro-Oeste do Brasil possui uma área de 1.602.133 km², distribuídos entre os atuais estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Figura 1). Na região, o desenvolvimento de pesquisas arqueológicas sistemáticas e contínuas teve início em Goiás, através da execução de projetos de pesquisa junto à Universidade Católica de Goiás (UCG) e à Universidade Federal de Goiás (UFG), respectivamente em 1971 e 1974. Posteriormente, sobretudo a partir da década de 80, pesquisas dessa natureza foram realizadas em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em sua maioria por arqueólogos brasileiros vinculados a instituições de ensino superior. Antes dos anos 70, porém, alguns trabalhos podem ser enquadrados na categoria de pesquisas sistemáticas, embora em geral tenham sido realizados em curto prazo e, também, com o propósito de formar coleções ergológicas para museus sediados no exterior; este é o caso dos trabalhos de Petruccio (1932) e Schmidt (1914, 1940a, 1940b).

De início, tanto na UCG quanto na UFG, as pesquisas praticamente seguiram as mesmas metodologias para o levantamento de sítios arqueológicos: prospecções *oportunisticas* em áreas “indicadoras de sítios”

FIGURA 1
MAPA DO BRASIL COM DESTAQUE PARA A REGIÃO CENTRO-OESTE (MT, MS E GO)



(abrigos sob rocha, margens de rios, tipos específicos de vegetação, etc.), onde a classificação ambiental teve papel destacado, sendo interpretada como um fator determinante no processo cultural de grupos pré-históricos (1). A cultura material, por seu turno, foi interpretada com o objetivo de resgatar e compreender, através do método comparativo, traços culturais; ênfase maior foi dada às semelhanças tecnológicas para, a partir delas, serem criadas tipologias e seriações como recursos para a definição de *tradições e fases* tecnológicas, assim como para a explicação de migrações pré-cabralinas (2). A reconstituição do passado arqueológico, portanto, foi feita a partir de uma visão linear de cultura, na qual as diferenças eram interpretadas como mecanismos de difusão e migração, sem necessariamente implicar na compreensão dos processos culturais inerentes a eles.

Em fins da década de 70 e início dos 80, surge em Goiás um grande número de projetos de pesquisa, todos tendo como um dos objetivos principais a formação de um quadro geral sobre a ocupação humana pré-colonial daquele estado. Em Mato Grosso do Sul, projetos desse tipo tiveram início na década de 80. A maioria desses projetos estava distribuída em grandes áreas geográficas de aproximadamente 20.000 km², as quais não chegaram a ser extensiva e exaustivamente prospectadas. Esse é o caso do Projeto Paranaíba e do Projeto Alto Araguaia, respectivamente em Serranópolis e Caiapônia (Goiás), bem como do Projeto Alto Sucuriú, no nordeste de Mato Grosso do Sul. As intenções eram um tanto quanto pretensiosas e, não raras vezes, os projetos não proporcionaram dados primários suficientes a uma pesquisa de nível básico, ou seja, voltada às descrições, classificações, tipologias e generalizações que constituem, em primeira instância e segundo Schiffer (1988), os primeiros dados para atingir pesquisas de nível médio ou alto. Por outro lado, é inegável a contribuição desses projetos para o conhecimento da pré-história do Centro-Oeste, uma vez que, mesmo com as ressalvas apontadas, as pesquisas conseguiram produzir dados gerais

sobre a ocupação pré-colonial da região, até então praticamente desconhecida em termos arqueológicos (Tabela 1).

No caso específico do Pantanal, a maior planície inundável do planeta e um dos últimos santuários ecológicos do mundo, durante décadas seu passado arqueológico permaneceu despercebido no cenário sul-americano. À exceção de algumas pesquisas realizadas na primeira metade do século XX, praticamente nada foi feito até fins dos anos 80. No entanto, é indiscutível a importância dessa região para o conhecimento da pré-história sul-americana, sobretudo pela sua posição estratégica na porção central do continente, entre diversos ambientes (Amazônia, Cerrado, Chaco e outros), dos quais tem recebido várias influências do ponto de vista ambiental (Figura 2); a mesma constatação é válida, em termos culturais e guardadas as devidas proporções, para o passado arqueológico.

Somente a partir de 1990, com o efetivo início do Projeto Corumbá, em Mato Grosso do Sul, o Pantanal foi definitivamente inserido nos círculos de debates sobre problemas referentes à arqueologia platina. Do ponto de vista teórico-metodológico, esse projeto foi concebido de modo semelhante ao Projeto Paranaíba e ao Projeto Alto Araguaia, embora, em alguns aspectos e ao seu tempo, tenha sido executado de maneira mais refinada. Não obstante os avanços no campo das pesquisas sobre a pré-história pantaneira, muito ainda está por ser feito considerando que a região possui uma área de cerca de 140.000 km², dos quais grande parte ainda não foi sistematicamente prospectada e devidamente compreendida do ponto de vista arqueológico.

Isso posto, é oportuno explicar que este artigo tem o propósito de apresentar, a um público variado, uma síntese sobre a pré-história do Centro-Oeste brasileiro. Como tal, foi pensado para ser o menos incompleto possível; daí o destaque dado ao Pantanal. Ainda assim, diante da complexidade e aridez do tema, é iminente o risco de sermos demasiado informativos na abordagem da diversidade da cultura material, inclusive as questões adaptativas e socioculturais.

1 Os termos *pré-história*, *pré-colonial* e *pré-cabralino* são aqui empregados para referir-se às populações ameríndias anteriores ao contato com os conquistadores europeus.

2 Os conceitos *tradição* (grupo de elementos ou técnicas com persistência temporal) e *fase* (qualquer complexo tecnológico relacionado no tempo e espaço) são aqui utilizados no sentido restrito à tecnologia, seja cerâmica, seja lítica (ver Souza 1997).

TABELA 1
PROJETOS DE PESQUISA NO CENTRO-OESTE À EXCEÇÃO DO PANTANAL

Projeto	Período	Coordenação	Localização
Levantamento e Cadastro dos Sítios Arqueológicos do Estado de Goiás	1971-1974	I. Simonsen A. P. Oliveira	Goiás
Alto Tocantins	1973-1982	P. I. Schmitz A. S. Barbosa	14° a 16° S e 46°30' a 50° W (Goiás)
Cocal	1974	I. Simonsen	Sudeste de Goiás
Alto Araguaia	1974-1986	P. I. Schmitz A. S. Barbosa	14° a 17° S e 50° a 53°30' W (Goiás)
Abadia	1974-1977	P. I. Schmitz A. S. Barbosa	17°30' S e 49°30' a 50°30' W (Goiás)
Complementar Centro-Sul	1975*	P. I. Schmitz A. S. Barbosa	17° a 19° S e 47° a 50° W (Goiás)
Paranaíba	1975-1997	P. I. Schmitz A. S. Barbosa	17° a 19°30' S e 50° a 53°30' W (Goiás)
Anhangüera de Arqueologia de Goiás	1975-1985	M. Andreatta L. Palestrini	Rios Verde e Niquelândia (Goiás)
Bacia do Paranã	1975-1982	A. Mendonça	Bacia do Paranã (Goiás)
Extremo Norte	**	P. I. Schmitz A. S. Barbosa	5° a 8° S e 46° a 50° W (Goiás)
Padrões de Assentamento de Grupos Agricultores no Mato Grosso de Goiás	1978-1982	I. Wüst	Mato Grosso de Goiás-GO
Médio Tocantins	1979*	P. I. Schmitz A. S. Barbosa	9° a 13° S e 47°30' a 49° W (Goiás)
Serra Geral	1981-1997	P. I. Schmitz A. S. Barbosa	11° a 15° S e 44° a 47° W (Goiás)
Ilha do Bananal	1984***	P. I. Schmitz A. S. Barbosa	9° a 13° S e 49°30' a 51° W (Goiás)
UHEs Serra da Mesa e Cana Brava	1988-1991	É. M. R. González E. Fogaça	Barro Alto, Campiaçu, Campinorte, Cavalcante, Colinas do Sul, Minaçu, Niquelândia, São Luís do Norte e Uruaçu (Goiás)
Levantamento do Potencial Arqueológico da UHE Rio do Peixe	1989-1990	M. Barbieri	16°30' a 17°15' S e 53° a 52° W (Goiás)
Ferrovia Norte-Sul	1990***	A. F. de Miranda	BR-153–Km 22 (Goiânia-GO)
Avaliação do Potencial Arqueológico nas Áreas de Adensamento Urbano/Rural do Gama	1990-1991	E. T. Miller	Brasília-DF
Levantamento e Resgate do Patrimônio Arqueológico da Área Diretamente Afetada pela UHE Corumbá (GO)	1995-1996	P. J. C. Mello	15°79' S e 48°31' W (Goiás)

Projeto	Período	Coordenação	Localização
Arqueologia Pré-histórica da UHE Serra da Mesa	1995-1998	D. C. Martins	Barro Alto, Campinaçu, Campinorte, Cavalcante, Colinas do Sul, Minaçu, Niquelândia, São Luís do Norte e Uruaçu (Goiás)
Diagnóstico da Rodovia GO-213: Trecho Caldas Novas-Córrego Fundo	1997	R. T. Silva J. C. R. Rubin	Rodovia GO-213 (Goiás)
Resgate dos Sítios Arqueológicos Gengibre (GO-CA-13) e Voçoroca (GO-CA-27)	1997	R. T. Silva J. C. R. Rubin	Rodovia GO-213 (Goiás)
A Grande Vila-Boa: Resgatando o Passado	1997*	J. M. de Ataídes	UTM 82445 N e 82345 S a 6070 E e 5924 W (Goiás)
Levantamento Arqueológico das Nascentes do Rio Vermelho (GO)	1998*	S. A. Viana	UTM 82445 N e 82345 S a 6070 E e 5924 W (Goiás)
Avaliação do Potencial Arqueológico nas Áreas de Adensamento Urbano/Rural de Ceilândia/Taguatinga	1992-1993	E. T. Miller	Brasília-DF
Avaliação do Potencial Arqueológico do Patrimônio Cultural para o Rezoneamento Ambiental da Apa da Bacia do Rio Descoberto	1994-1995	E. T. Miller	Brasília-DF
Cerâmica da Lagoa Miarraré	1974-1975	I. Simonsen A. P. Oliveira	Parque Nacional do Xingu (Mato Grosso)
Projeto Alto Xingu	1950-1960	M. Simões	Parque Nacional do Xingu (Mato Grosso)
Programa de Pesquisas Arqueológicas e Lingüísticas no Alto Xingu	1970-1980	P. Becquelin	Alto Xingu (Mato Grosso)
Projeto de Impacto Ambiental da UHE Manso	1981	EIA-RIMA	14°48' S e 55°55' W (Mato Grosso)
Projeto Etnoarqueológico e Arqueológico da Bacia do Rio São Lourenço	1982-1994	I. Wüst	Rio São Lourenço (Mato Grosso)
Pré-história e Paleoambiente de Mato Grosso	1982*	A. Vialou L. Palestrini	Sul do Estado de Mato Grosso
Avaliação do Potencial Arqueológico da UHE Salto das Nuvens	1988	P. De Blasis	Mato Grosso
Entendendo o Desenvolvimento Cultural no Alto Xingu do Brasil Central	1990*	M. Heckenberger	Alto Xingu (Mato Grosso)
Etnoarqueologia do Negro do Mato Grosso	1991	P. Zanettini	Mato Grosso
Levantamento do Patrimônio Arqueológico da Área Diretamente Afetada pela PCH Braço Norte II (MT)	1993-1998	P. J. C. Mello	10° S e 55° W (Mato Grosso)
Avaliação do Potencial Arqueológico da UHE Guaporé	1993	E. T. Miller	Mato Grosso
Zoneamento Paleoarqueológico nas Serras das Araras e Curupira	1993	S. Hiroroka	Mato Grosso

Projeto	Período	Coordenação	Localização
Levantamento e Resgate do Patrimônio Arqueológico da Área Diretamente Afetada pela UHE Costa Rica (MS)	1994	P. J. C. Mello	18° 34' S e 52°08' W (Mato Grosso do Sul)
Reconhecimento Arqueológico da Área a ser Afetada pela Ferronorte	1994	S. B. Caldarelli	Mato Grosso
Levantamento e Resgate do Patrimônio Arqueológico da Área da UHE Manso	1999*	S. A. Viana	14°48' S e 55°55' W (Mato Grosso)
Levantamento Arqueológico Preliminar–Gasoduto San Matias-Cuiabá	1998	N. V. Oliveira P. P. A. Funari	Mato Grosso
Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul – Projeto Alto Sucuriú	1985-1989	P. I. Schmitz	Nordeste de Mato Grosso do Sul
Levantamento do Potencial Arqueológico da UHE Barra do Peixe	1988	É. M. R. González	Mato Grosso do Sul
Reconhecimento Arqueológico da Área do Rio Correntes a ser Afetada por Usinas Hidrelétricas	1994	S. B. Caldarelli	Mato Grosso do Sul
Projeto Arqueológico Porto Primavera	1995-1998	G. R. Martins E. M. Kashimoto	Mato Grosso do Sul
Projeto Arqueológico Itaipu	Anos 70 e 80	I. Chmyz	Sul de Mato Grosso do Sul
Pesquisa Arqueológica na Bacia do Rio Iguatemi	1999*	B. dos S. Landa	Bacia do Rio Iguatemi (Mato Grosso do Sul)

Nota: (*) em andamento; (**) não executado; (***) paralisado.

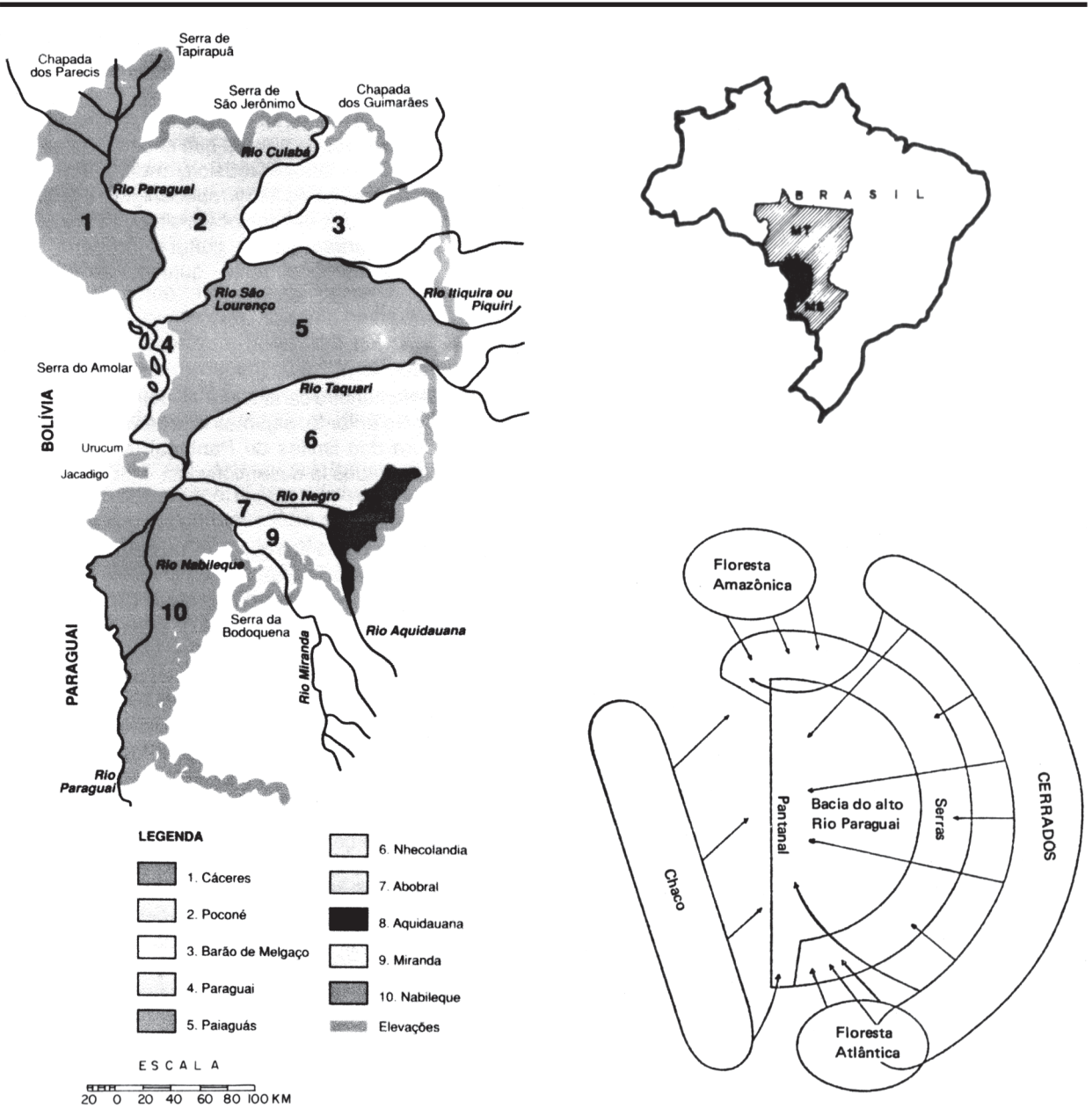
Mais: aqui o Centro-Oeste é entendido como uma delimitação geográfica mais didática do que cultural, haja vista que no passado arqueológico não existiam as atuais fronteiras político-territoriais de origem ibero-americana. Por esse motivo, tomamos a precaução de fazer uma digressão da pré-história regional sem omitir as áreas adjacentes, as quais, para alguns casos, extrapolam as atuais fronteiras nacionais. Finalmente, considerando que as interpretações teóricas são momentâneas e que a arqueologia também é uma ciência acumulativa, é possível que muitas das idéias aqui apresentadas sejam refutadas em um futuro não muito distante, o que entendemos ser salutar para o desenvolvimento da arqueologia brasileira.

O CENTRO-OESTE À EXCEÇÃO DO PANTANAL

Os caçadores-coletores

Os grupos caçadores-coletores pré-coloniais estabeleceram-se em paleopaisagens – antigos ambientes com temperatura, umidade e precipitação pluviométrica mais reduzidas do que atualmente – localizadas, em sua maioria, em regiões de planalto ou faixas de transição entre a zona do planalto e a do alto Tocantins, em altitudes entre 700 e 800 m. Essa localização, no entanto, pode estar relacionada a áreas mais

FIGURA 2
SUB-REGIÕES DO PANTANAL (ESQUERDA) E PROVÍNCIAS FITOGEOGRÁFICAS
DO ALTO PARAGUAI E ÁREAS DE INFLUÊNCIA (DIREITA)



Fonte: Magalhães (1992) e Adámoli (1986)

prospectadas e não necessariamente representa uma preferência de grupos humanos por esses ambientes. Isso porque, geralmente, é difícil relacionar a localização dos sítios arqueológicos de grupos pré-históricos à exploração de um único estrato

vegetacional, haja vista a necessidade de considerar não somente o local onde cada sítio está situado, mas também toda a área possível de captação de recursos, a qual pode compreender diferentes formações florísticas. Entretanto, dados paleoam-

bientais sugerem uma preferência por vegetações abertas, entre as quais inclui-se o complexo sistema de áreas de cerrado, fundamental no sistema de abastecimento dos grupos (Schmitz 1976-1977; Schmitz et al. 1986; Simonsen 1975).

Ao que tudo indica, as primeiras ocupações humanas do Centro-Oeste estão vinculadas à presença de grupos caçadores-coletores que se estabeleceram na região entre o final do Pleistoceno e o início do Holoceno, entre 12.000 e 10.000 AP (3). Existem, todavia, datas mais antigas, mas que, em sua quase totalidade, ainda devem ser vistas com cautela. Esse é o caso, apenas para exemplificar, das datas mais antigas dos sítios Abrigo do Sol (19.400 ± 1.100 AP e 14.470 ± 140 AP) e Santa Elina (23.320 ± 1.000 AP e 22.500 ± 500 AP), ambos em Mato Grosso, respectivamente estudados por Miller (1983, 1987) e Vilhena-Vialou e Vialou (1994) (Tabela 2). A bem da verdade, uma discussão detalhada sobre as origens do povoamento humano do Centro-Oeste também passa por incluir esta questão na pauta dos acirrados debates acerca do início do povoamento de outras regiões do Brasil e das Américas, o que definitivamente não é o propósito do presente artigo (4).

Os estratos inferiores do sítio GO-NI-49, no alto Tocantins, estão datados em torno de 10.750 ± 300 AP; no mesmo período situam-se os do sítio GO-JA-14, em Serranópolis, Goiás, com uma data de 10.740 ± 75 AP. Ao analisar sedimentos do sítio GO-JA-01, também situado em Serranópolis e com uma data de 10.580 ± 115 AP, Schmitz (1980) aponta a existência de mudanças climáticas que indicam alternâncias entre períodos mais secos e mais úmidos, entre 10.500 e 7.250 AP. Posteriormente, foi observado outro tipo de variação climática holocênica, entre 6.500 e 4.000 AP, para o qual é registrada uma expansão das vegetações de cerrado e mata (5). Em Mato Grosso, caçadores-coletores estão representados por grupos portadores do Complexo Dourado, os quais ocuparam o Vale do Guaporé entre 8.930 e 10.600 AP; também estão representados

pelos grupos que ocuparam os sítios Santa Elina, em Cuiabá, e Morro da Janela, em Rondonópolis, respectivamente datados em 10.120 AP e 10.080 ± 80 AP (cf. Miller 1983, 1987; Villhena-Vialou e Vialou 1989, 1994; Wüst e Vaz 1998). Para o nordeste de Mato Grosso do Sul, região do alto Sucuriú, há uma data de 10.340 ± 110 AP para caçadores-coletores portadores da Tradição Itaparica (Beber 1994; Veroneze 1993); Goiás também está representado por essa tradição: no sudoeste há datas entre 11.000 e 9.000 AP, embora para o leste, bacia do Paranã, não haja quaisquer datações absolutas (Schmitz 1976-1977; Simonsen 1975).

Em fins da década de 60, a Tradição Itaparica foi inicialmente definida; instrumentos denominados *lesmas* (artefatos plano-convexos) foram estabelecidos como *fósseis-guias*; sua distribuição espacial abrange desde os estados da Região Nordeste até o sudeste de Mato Grosso. Em outro período, um pouco mais tardio, entre aproximadamente 9.000 e 7.000 AP, o clima tornou-se mais quente e úmido proporcionando a expansão da vegetação de mata; relacionados a esse contexto climático há registros de novos grupos caçadores-coletores, representados pela Tradição Serranópolis, entre 9.020 ± 70 e 6.690 ± 90 AP (Schmitz et al. 1989). Em Goiás, esses grupos ocuparam várias regiões: Vale do Paranaíba, alto Araguaia, alto e baixo Paranã, afluentes dos rios das Almas e Caiapó. Em Mato Grosso, há evidências de grupos portadores da Tradição Serranópolis na Chapada dos Parecis.

As origens desses grupos não estão claras; podem representar uma adaptação dos antigos caçadores-coletores, os portadores da Tradição Itaparica, a um novo ambiente e/ou representar a migração de novos grupos, dos portadores da Tradição Serranópolis, para o Centro-Oeste (Schmitz 1980). Também não está claro o período final de sua ocupação; acredita-se que grupos caçadores-coletores tenham ali permanecido até a vinda dos agricultores ou mesmo que tenham desenvolvido técnicas de cultivo na região. Sobre esse assunto, Wüst

3 AP significa anos Antes do Presente; presente é considerado o ano de 1950.

4 Maiores detalhes sobre esta questão, ver Prous (1992), *Anais da Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas* (1996); Lahr e Neves (1997) e Tenório (1999).

5 Este período corresponde, em parte, ao do Optimum Climaticum ou Altitheimal, isto é, a uma fase planetária de aumento de calor em que houve a dissolução de geleiras polares e de cordilheiras (Ab'Sáber 1994).

TABELA 2

DATAÇÕES ABSOLUTAS PARA SÍTIOS DO CENTRO-OESTE À EXCEÇÃO DO PANTANAL

Sítio e filiação tecnológica	Data(s)	Laboratório	Referência
GO-PA-02 (Ceramista-Tradição Una)	740 ± 90 AP (CV)	GIF-3909/75	Simonsen et al. (1983-1984)
GO-PA-08 (Ceramista-Tradição Una)	1.230 ± 90 AP (CV)	GIF-3910/75	Simonsen et al. (1983-1984)
GO-RS-01 (Ceramistas-Tradições Una e Tupiguarani)	410 AP (CV)	*	González (1996)
GO-RV-02 (Ceramista-Tradição Aratu)	1.120 ± 90 AP (CV)	GAK-7267	Andreatta (1982)
GO-RV-02 (Ceramista-Tradição Aratu)	1.090 ± 110 AP (CV)	GAK-7266	Andreatta (1985)
GO-RV-02 (Ceramista-Tradição Aratu)	980 ± 110 AP (CV)	GAK-7265	Andreatta (1985)
GO-RV-13 (Ceramista-Tradição Aratu)	775 ± 60 AP (CV)	TL-USP	Andreatta (1985)
GO-JU-O4 (Ceramista-Tradição Aratu)	960 ± 75 AP (CV)	SI-2768	Schmitz (1976-1977)
GO-JU-17 (Ceramista-Tradição Uru)	760 ± 75 AP (CV)	SI-2773	Schmitz (1976-1977)
GO-JU-23 (Ceramista-Tradição Uru)	690 ± 70 AP (CV)	SI-2772	Schmitz (1976-1977)
GO-JU-39 (Ceramista-Tupiguarani)	620 ± 55 AP (CV)	N-2351	Schmitz (1976-1977)
GO-JU-39 (Ceramista-Tupiguarani)	510 ± 75 AP (CV)	N-2352	Schmitz (1976-1977)
GO-JU-41 (Ceramista-Tradição Uru)	AD Século XX (DT)	————+	Wüst (1990)
GO-NI-02 (Ceramista-Tradição Una?)	1.060 d.C. (CV)	*	González (1996)
GO-NI-06 (Ceramista-Tradição Una)	1.060 ± 90 AP (CV)	GAK-7267	Andreatta (1985)
GO-NI-08	10.605 ± 125 AP (CV)	SI-8416	Andreatta (1985)
GO-NI-28 (Ceramista-Tradição Uru)	680 ± 90 AP (CV)	SI-2766	Wüst (1983)
GO-NI-35 (Ceramista-Tradição Uru)	530 ± 90 AP (CV)	SI-2765	Schmitz (1976-1977)
GO-NI-49 (Aceramista-Tradição Itaparica)	10.750 ± 300 AP (CV)	SI-2769	Schmitz (1976-1977)
GO-NI-124 (Ceramista)	1.052 AP (TL)	TL/USP SM-248	Martins (1998)
GO-NI-124 (Ceramista)	≈ 254 AP (TL)	TL/USP SM-253	Martins (1998)
GO-NI-125 (Ceramista)	507 AP (TL)	TL/USP SM-251	Martins (1998)
GO-NI-127 (Ceramista)	280 AP (TL)	TL/USP SM-292	Martins (1998)
GO-NI-128 (Ceramista)	354 AP (TL)	TL/USP SM-230	Martins (1998)
GO-NI-132 (Ceramista)	817 AP (TL)	TL/USP SM-231	Martins (1998)

Sítio e filiação tecnológica	Data(s)	Laboratório	Referência
GO-NI-133 (Ceramista)	1.089 AP (TL)	TL/USP SM-252	Martins (1998)
GO-NI-133 (Ceramista)	698 AP (TL)	TL/USP SM-228	Martins (1998)
GO-NI-133 (Ceramista)	867 AP (TL)	TL/USP SM-249	Martins (1998)
GO-NI-134 (Ceramista)	1.204 AP (TL)	TL/USP SM-232	Martins (1998)
GO-NI-134 (Ceramista)	990 AP (TL)	TL/USP SM-233	Martins (1998)
GO-NI-137 (Ceramista)	987 AP (TL)	TL/USP SM-236	Martins (1998)
GO-NI-135 (Ceramista)	834 AP (TL)	TL/USP SM-235	Martins (1998)
GO-NI-136 (Ceramista)	1.127 AP (TL)	TL/USP SM-287	Martins (1998)
GO-NI-152 (Ceramista)	483 AP (TL)	TL/USP SM-245	Martins (1998)
GO-NI-154 (Ceramista)	524 AP (TL)	TL/USP SM-229	Martins (1998)
GO-NI-155 (Ceramista)	308 AP (TL)	TL/USP SM-288	Martins (1998)
GO-NI-168 (Ceramista)	817 AP (TL)	TL/USP SM-314	Martins (1998)
GO-NI-169 (Ceramista)	1.131 AP (TL)	TL/USP SM-313	Martins (1998)
GO-NI-170 (Ceramista)	326 AP (TL)	TL/USP SM-247	Martins (1998)
GO-NI-172 (Ceramista)	1.025 AP (TL)	TL/USP SM-246	Martins (1998)
GO-NI-173 (Ceramista)	566 AP (TL)	TL/USP SM-234	Martins (1998)
GO-NI-176 (Ceramista)	1.667 AP (TL)	TL/USP SM-250	Martins (1998)
GO-NI-176 (Ceramista)	1.113 AP (TL)	TL/USP SM-238	Martins (1998)
GO-NI-176 (Ceramista)	1.905 AP (TL)	TL/USP SM-239	Martins (1998)
GO-NI-176 (Ceramista)	2.121 AP (TL)	TL/USP SM-240	Martins (1998)
GO-NI-176 (Ceramista)	1.091 AP (TL)	TL/USP SM-241	Martins (1998)
GO-NI-176 (Ceramista)	1.326 AP (TL)	TL/USP SM-242	Martins (1998)
GO-NI-176 (Ceramista)	1.041 AP (TL)	TL/USP SM-257	Martins (1998)
GO-NI-176 (Ceramista)	828 AP (TL)	TL/USP SM-243	Martins (1998)
GO-NI-176 (Ceramista)	718 AP (TL)	TL/USP SM-244	Martins (1998)
GO-NI-176 (Ceramista)	597 AP (TL)	TL/USP SM-255	Martins (1998)
GO-NI-176 (Ceramista)	587 AP (TL)	TL/USP SM-256	Martins (1998)
GO-NI-176 (Ceramista)	577 AP (TL)	TL/USP SM-258	Martins (1998)
GO-NI-182 (Ceramista)	> 2.000 AP (TL)	TL/USP SM-311	Martins (1998)
GO-NI-188 (Ceramista)	617 AP (TL)	TL/USP SM-310	Martins (1998)
GO-NI-194 (Ceramista)	678 AP (TL)	TL/USP SM-293	Martins (1998)
GO-NI-195 (Ceramista)	693 AP (TL)	TL/USP SM-289	Martins (1998)
GO-NI-202 (Ceramista)	792 AP (TL)	TL/USP SM-261	Martins (1998)
GO-NI-202 (Ceramista)	615 AP (TL)	TL/USP SM-286	Martins (1998)

Sítio e filiação tecnológica	Data(s)	Laboratório	Referência
GO-NI-202 (Ceramista)	522 AP (TL)	TL/USP SM-259	Martins (1998)
GO-NI-202 (Ceramista)	441AP (TL)	TL/USP SM-260	Martins (1998)
GO-NI-206 (Ceramista)	761 AP (TL)	TL/USP SM-295	Martins (1998)
GO-NI-209 (Ceramista)	781 AP (TL)	TL/USP SM-294	Martins (1998)
GO-NI-211 (Ceramista)	360 AP (TL)	TL/USP SM-309	Martins (1998)
GO-NI-217 (Ceramista)	692 AP (TL)	TL/USP SM-290	Martins (1998)
GO-JA-01 (Aceramista– Tradição Itaparica)	10.580 ± 115 AP (CV)	SI-3699	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-01 (Aceramista– Tradição Itaparica)	10.400 ± 130 AP (CV)	N-2348	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-01 (Aceramista– Tradição Itaparica)	9.510 ± 60 AP (CV)	SI-3700	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-01 (Aceramista– Tradição Itaparica)	9.060 ± 65 AP (CV)	SI-3698	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-01 (Aceramista– Tradição Itaparica)	9.020 ± 70 AP (CV)	SI-3697	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-01 (Aceramista– Tradição Serranópolis)	8.915 ± 115 AP (CV)	SI-3695	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-01 (Aceramistas– Tradições Itaparica e Serranópolis)	8.740 ± 90 AP (CV)	N-2347	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-01 (Aceramista– Tradição Serranópolis)	8.805 ± 100 AP (CV)	SI-3696	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-01 (Aceramista– Tradição Serranópolis)	7.420 ± 80 AP (CV)	SI-3694	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-01 (Aceramista– Tradição Serranópolis?)	7.395 ± 80 AP (CV)	SI-3692	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-01 (Aceramista– Tradição Serranópolis)	7.250 ± 95 AP (CV)	SI-3693	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-01 (Aceramista– Tradição Serranópolis)	6.690 ± 90 AP (CV)	SI-3691	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-01 (Ceramista– Tradição Una)	1.000 ± 75 AP (CV)	N-2349	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-01 (Ceramista– Tradição Una)	925 ± 60 AP (CV)	SI-3690	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-01 (Ceramista– Tradição Una)	915 ± 75 AP (CV)	N-2346	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-02 (Aceramista– Tradição Itaparica)	10.120 ± 80 AP (CV)	SI-3108	Schmitz et al. (1989)
GO-JA-02 (Aceramista– Tradição Itaparica)	9.195 ± 75 AP (CV)	SI-3107	Schmitz et al. (1989)
GO-JA-03 (Aceramista– Tradição Itaparica)	9.765 ± 75 AP (CV)	SI-3110	Schmitz et al. (1989)
GO-JA-03 (Aceramista– Tradição Serranópolis)	5.720 ± 50 AP (CV)	SI-3109	Schmitz et al. (1989)
GO-JA-11 (Aceramista– Tradição Serranópolis)	1.350 ± 75 AP (CV)	N-2350	Schmitz (1976-1977)
GO-JA-11 (Ceramista– Tradição Una)	1.000 ± 75 AP (CV)	N-3111	Schmitz et al. (1989)

Sítio e filiação tecnológica	Data(s)	Laboratório	Referência
GO-JA-14 (Aceramista-Tradição Itaparica)	10.740 ± 85 AP (CV)	SI-3111	Schmitz et al. (1989)
GO-JA-23 (Aceramista-Tradição Serranópolis)	4.505 ± 55 AP (CV)	SI-5561	Schmitz et al. (1989)
GO-JA-23 (Aceramista-Tradição Serranópolis)	3.000 ± 50 AP (CV)	SI-5560	Schmitz et al. (1989)
GO-JA-23 (Aceramista-Tradição Serranópolis)	2.900 ± 50 AP (CV)	SI-5559	Schmitz et al. (1989)
GO-JA-23 (Aceramista-Tradição Serranópolis)	2.740 ± 60 AP (CV)	SI-5557	Schmitz et al. (1989)
GO-JA-23 (Aceramista-Tradição Serranópolis)	2.475 ± 70 AP (CV)	SI-5556	Schmitz et al. (1989)
GO-JA-23 (Aceramista-Tradição Serranópolis)	2.345 ± 55 AP (CV)	SI-5558	Schmitz et al. (1989)
GO-JA-23 (Aceramista-Tradição Serranópolis)	2.140 ± 55 AP (CV)	SI-5555	Schmitz et al. (1989)
GO-JA-26 (Aceramista-Tradição Itaparica)	8.880 ± 90 AP (CV)	SI-5563	Schmitz et al. (1989)
GO-JA-26 (Aceramista-Tradição Itaparica)	8.370 ± 85 AP (CV)	SI-5562	Schmitz et al. (1989)
GO-CP-02 (Aceramista-Tradição Serranópolis)	4.560 ± 150 AP (CV)	SI-473	Schmitz (1976-1977)
GO-CP-02 (Ceramista-Tradição Aratu)	1.140 ± 90 AP (CV)	SI-2770	Schmitz (1976-1977)
GO-CP-02 (Ceramista-Tradição Aratu)	1.070 ± 105 AP (CV)	SI-2771	Schmitz (1976-1977)
GO-CP-05 (Aceramista)	4.100 ± 65 AP (CV)	SI-6741	Schmitz (1976-1977)
GO-CP-05 (Ceramista)	2.920 ± 75 AP (CV)	SI-6740	Schmitz (1976-1977)
GO-CP-06 (Ceramista)	1.020 ± 40 AP (CV)	SI-6742	Schmitz et al. (1986)
GO-CP-16 (Aceramista)	4.455 ± 115 AP (CV)	SI-6743	Schmitz et al. (1986)
GO-CP-32 (Ceramista)	1.200 ± 65 AP (CV)	SI-6744	Schmitz et al. (1986)
GO-CP-34 (Ceramista-Tradição Aratu)	1.020 ± 65 AP (CV)	SI-6744	Schmitz et al. (1986)
GO-CA-01 (Ceramista-Tradição Aratu)	895 ± 90 AP (CV)	SI-2195	Schmitz et al. (1976-1977)
GO-CA-02 (Ceramista-Tradição Aratu)	1.779 ± 170 AP(TL)?	TL-USP	Andreatta (1985)
GO-CA-11 (Ceramista-Tradição Aratu)	480 ± 50 AP (CV?)	BETA-92530	Mello et al. (1996)
GO-CA-14 (Ceramista-Tradição Aratu)	1.220 ± 50 AP (CV?)	BETA-99031	Silva et al. (1997)
GO-CA-14 (Ceramista-Tradições Aratu e Tupiguarani)	590 ± 50 AP (CV?)	BETA-99032	Silva et al. (1997)
GO-CA-14 (Ceramista-Tradições Aratu e Tupiguarani)	600 ± 70 AP (CV?)	BETA-99033	Silva et al. (1997)
GO-CA-21 (Ceramista-Tradição Aratu)	1.650 ± 50 AP (CV?)	BETA-92528	Mello et al. (1996)

Sítio e filiação tecnológica	Data(s)	Laboratório	Referência
G0-CA-25 (Ceramista– Tradição Aratu)	2.280 ± 60 AP (CV?)	BETA-92529	Mello et al. (1996)
Abrigo Vermelho (Ceramista?)	1.250 ± 90 AP (CV?)	GIF-8662*	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Ferraz Egreja (Aceramista)	4.610 ± 60 AP (CV?)	GIF-6249	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Ferraz Egreja (Aceramista)	3.620 ± 60 AP (CV?)	GIF-6248	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Ferraz Egreja (Aceramista)	2.200 ± 80 AP (CV?)	GIF-7087	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Ferraz Egreja (Aceramista)	2.110 ± 120 AP (CV?)	GIF-6712	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Ferraz Egreja (Ceramista?)	1.700 ± 50 AP (CV?)	GIF-7087	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Ferraz Egreja (Ceramista?)	1.570 ± 50 AP (CV?)	GIF-7878	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Ferraz Egreja (Ceramista?)	1.340 ± 50 AP (CV?)	GIF-9046	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Caverna Perdida (Ceramista)	180 ± 90 AP (CV?)	GIF-6713	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Santa Elina (Aceramista)	10.120 ± 60 AP (CV?)	GIF-8954	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Santa Elina (Aceramista)	9.460 ± 90 AP (CV?)	GIF-9367	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Santa Elina (Aceramista)	7.940 ± 70 AP (CV?)	GIF-9039	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Santa Elina (Aceramista)	7.010 ± 70 AP (CV?)	GIF-9369	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Santa Elina (Aceramista)	6.750 ± 230 AP (CV?)	GIF-9040	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Santa Elina (Aceramista)	6.410 ± 60 AP (CV?)	GIF-9041	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Santa Elina (Aceramista)	6.040 ± 70 AP (CV?)	GIF-7084	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Santa Elina (Aceramista)	5.690 ± 70 AP (CV?)	GIF-7085	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Santa Elina (Aceramista)	5.110 ± 230 AP (CV?)	GIF-7983	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Santa Elina (Aceramista)	3.970 ± 60 AP (CV?)	GIF-7379	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Santa Elina (Aceramista)	2.990 ± 60 AP (CV?)	GIF-7086	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Santa Elina (Aceramista)	2.600 ± 60 AP (CV?)	GIF-7758	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Santa Elina (Aceramista)	2.350 ± 60 AP (CV?)	GIF-7380	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Santa Elina (Ceramista)	275 ± 40 AP (CV?)	GIF-8890	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Caverna vermelha (Ceramista?)	1.250 ± 80 AP (CV?)	GIF-8662	Vilhena-Vialou e Vialou (1994)
Abrigo do Sol (Aceramista)	19.400 ± 1.100 AP (CV)**	*	Miller (1983, 1987)
Abrigo do Sol (Aceramista)	14.470 ± 140 AP (CV)**	*	Miller (1983, 1987)
Abrigo do Sol (Aceramista)	10.405 ± 100 AP (CV)	SI-3476	Miller (1983, 1987)
Abrigo do Sol (Aceramista)	9.370 ± 70 AP (CV)	SI-3479	Miller (1983, 1987)
MT-SL-03 (Ceramistas– Tradições Uru e Tupiguarani)	1.090 ± 60 AP (CV)	N-5113	Wüst (1990)
MT-SL-04b (Ceramistas– Tradições Bororo, Tupiguarani e Uru)	700 ± 70 AP (CV)	BETA-27426	Wüst (1990)
MT-SL-11 (Aceramistas?)	2.110 ± 65 AP (CV)	BETA -27427	Wüst (1990)

Sítio e filiação tecnológica	Data(s)	Laboratório	Referência
MT-SL-11 (Ceramistas–Tradições Bororo e Uru)	230 ± 70 AP (CV)	BETA-27427	Wüst (1990)
MT-SL-24 (Ceramista–Tradição Uru)	1.360 d.C. (CV)	*	González (1996)
MT-SL-29 (Ceramista–Tradição Uru)	1.150 ± 65 AP (CV)	N-5114	Wüst (1990)
MT-SL-31 (Aceramista)	10.080 ± 80 AP (CV)	BETA-78053	Wüst (1990)
MT-SL-31 (Ceramista–Tradição Una?)	1.090 ± 75 AP (CV)	N-5115	Wüst (1990)
MT-SL-37 (Aceramista?)	2.570 ± 70 AP (CV)	BETA-27428	Wüst (1990)
MT-SL-38 (Aceramista?)	2.560 ± 80 AP (CV)	N-5112	Wüst (1990)
MT-RN-36 (Ceramista–Tradição Bororo)	Séculos 19 e 20 (DT)	—————	Wüst (1990)
MT-RN-39 (Ceramista–Tradição Uru)	1.150 AP (CV)	N-	Wüst (1990)
MT-SL-43 (Ceramista–Tradição Uru)	950 ± 60 AP (CV)	BETA-27429	Wüst (1990)
MT-SL-44 (Ceramista)	1.100 ± 60 AP (CV)	BETA-27430	Wüst (1990)
MT-SL-44 (Ceramista)	940 ± 50 AP (CV)	BETA-27431	Wüst (1990)
MT-SL-45 (Ceramista)	595 ± 50 AP (CV)	NBL-14888	Wüst (1990)
MT-SL-51 (Ceramista–Tradição Uru)	590 ± 60 AP (CV)	BETA-27432	Wüst (1990)
MT-SL-61 (Ceramista–Tradição Uru)	780 ± 70 AP (CV)	BETA-31030	Wüst (1990)
MT-SL-62 (Ceramista–Tradição Uru)	450 ± 70 AP (CV)	BETA-31031	Wüst (1990)
MT-SL-62a (Aceramista?)	1.700 ± 70 AP (CV)	BETA-31032	Wüst (1990)
MT-SL-62b (Aceramista?)	1.810 ± 60 AP (CV)	BETA-31034	Wüst (1990)
MT-SL-62b (Ceramista–Tradição Tupiguarani)	680 ± 60 AP (CV)	BETA-31033	Wüst (1990)
MT-SL-71 (Aceramista)	5.750 ± 80 AP (CV)	BETA-31037	Wüst (1990)
MT-SL-71 (Aceramista?)	1.700 ± 70 AP (CV)	BETA-31036	Wüst (1990)
MT-SL-71 (Ceramista)	1.130 ± 60 AP (CV)	BETA-31035	Wüst (1990)
MT-SL-72 (Aceramista?)	2.390 ± 60 AP (CV)	BETA-78256	Wüst e Vaz (1998)
MT-SL-74 (Aceramista)	5.750 ± 80 AP (CV)	*	Wüst (1990)
Barranco (Ceramista?)	1.720 ± 120 AP (CV)	NLB-14887	Wüst (1990)
MT-GA-06 (Aceramista?)	3.470 ± 75 AP (CV)	N-5117	Wüst (1990)
MT-GA-06 (Aceramista?)	2.970 ± 70 AP (CV)	BETA-27424	Wüst (1990)
MT-GU-08 (Aceramista?)	1.945 AP (CV)	*	Wüst (1990)
MT-AX-01 (Ceramista)	830 ± 90 AP (CV)	SI-716	Wüst e Barreto (1999)
MT-AX-02 (Ceramista)	830 ± 75 AP (CV)	SI-713	Wüst e Barreto (1999)
MT-AX-08 (Ceramista)	920 ± 90 AP (CV)	GIF-3308	Wüst e Barreto (1999)
MT-FX-06 (Ceramista)	180 ± 60 AP (CV)	BETA-72260	Wüst e Barreto (1999)

Sítio e filiação tecnológica	Data(s)	Laboratório	Referência
MT-FX-06 (Ceramista)	360 ± 70 AP (CV)	BETA-81301	Wüst e Barreto (1999)
MT-FX-06 (Ceramista)	700 ± 70 AP (CV)	BETA-78979	Wüst e Barreto (1999)
MT-FX-06 (Ceramista)	1.000 ± 70 AP (CV)	BETA-72261	Wüst e Barreto (1999)
MT-FX-07 (Ceramista)	680 ± 70 AP (CV)	GIF-5365	Wüst e Barreto (1999)
MT-FX-11 (Ceramista)	440 ± 70 AP (CV)	BETA-72263	Wüst e Barreto (1999)
MT-FX-12 (Ceramista)	190 ± 60 AP (CV)	BETA-72264	Wüst e Barreto (1999)
MS-PA-02 (Aceramista)	10.470 ± 120 AP (CV)	*	Veroneze (1993)
MS-PA-02 (Aceramista)	10.340 ± 110 AP (CV)	BETA-22645	Veroneze (1993)
MS-PA-02 (Aceramista)	10.090 ± 70 AP (CV)	BETA-22634	Veroneze (1993)
MS-IV-08 (Ceramista)	425 ± 25 AP (TL)	TL-USP	Relatório Porto Primavera
MS-PR-13 (Ceramista)	239 ± 10 (TL)	TL-USP	Relatório Porto Primavera
MS-PR-22 (Ceramista)	370 ± 20 AP (TL)	TL-USP	Relatório Porto Primavera
MS-PR-26 (Ceramista)	480 ± 30 AP (TL)	TL-USP	Relatório Porto Primavera
MS-PR-35 (Ceramista)	625 ± 40 AP (TL)	TL-USP	Relatório Porto Primavera
MS-PR-39 (Ceramista)	580 ± 40 AP (TL)	TL-USP	Kashimoto (1997)
MS-PR-41 (Ceramista)	245 ± 15 AP (TL)	TL-USP	Kashimoto (1997)
MS-PR-46 (Ceramista)	280 ± 15 AP (TL)	TL-USP	Kashimoto (1997)
MS-PR-55 (Ceramista)	565 ± 15 AP (TL)	TL-USP	Kashimoto (1997)
MS-PR-64 (Ceramista)	1.015 ± 75 AP (TL)	TL-USP	Kashimoto (1997)
MS-PR-64 (Ceramista)	1.248 ± 100 AP (TL)	TL-USP	Kashimoto (1997)
MS-PR-85 (Ceramista)	1.493 ± 100 AP (TL)	TL-USP	Kashimoto (1997)
MS-PR-90 (Ceramista)	909 ± 80 AP (TL)	TL-USP	Kashimoto (1997)
MS-PR-98 (Ceramista)	480 ± 30 AP (TL)	TL-USP	Kashimoto (1997)
MS-PD-02 (Ceramista)	2.640 ± 65 AP (CV)	TL-USP	Kashimoto (1997)
MS-PD-04 (Ceramista)	432 ± 32 AP (TL)	TL-USP	Kashimoto (1997)
MS-PD-06 (Ceramista)	240 ± 30 AP (TL)	TL-USP	Kashimoto (1997)
MS-PD-07 (Ceramista)	275 ± 20 AP (TL)	TL-USP	Kashimoto (1997)
Mundo Novo (Ceramista)	610 ± 80 AP (CV)	BETA-131300	Viana et al. (1999)
Maracaju-1 (Ceramista)	1.162 ± 80 d.C. (CL)	TL-USP	Martins (1996)
Maracaju-1 (Ceramista)	610 ± 50 AP (CV)	GIF-8330	Martins (1996)
Aquidauana-3 (Ceramista)	890 ± 50 AP (CV)	GIF-8680	Martins (1996)

Nota: (*) informação não obtida; (**) datação questionável quanto à sua correlação com a presença humana; (CV) datação radiocarbônica convencional; (CL) datação radiocarbônica calibrada; (DT) datação segundo dados históricos textuais; (TL) datação por termoluminescência.

(1990), ao constatar mudanças no padrão de assentamento, implantação e morfologia dos sítios existentes na região do Rio Vermelho, considera a possibilidade de os grupos caçadores-coletores mais recentes terem participado de um processo de transição no qual, primeiramente, teriam adotado a prática do cultivo e, posteriormente, a produção de cerâmica, a da Tradição Una.

A maioria dos sítios de caçadores-coletores antigos, ao menos os até agora localizados, encontra-se em ambientes fechados: abrigos sob rocha em arenito e quartzito e grutas localizadas em maciços calcários com níveis que atingem até 3 m de profundidade e de 100 a 1.500 m² de extensão (Schmitz et al. 1978-1980; Schmitz 1980). Ao que tudo indica, os caçadores-coletores estariam organizados em pequenos grupos, compostos provavelmente por algumas famílias, as quais tinham grande mobilidade espacial em um território imprecisamente demarcado (Schmitz 1984) (6). Na região goiana de Caiapônia, especificamente nas áreas dos rios do Peixe e Vermelho, embora haja registros de sítios a céu aberto, seu número é reduzido; geralmente estão relacionados à exploração de matérias-primas. Para abrigos existentes na região de Serranópolis, Schmitz (1980) interpreta as camadas menos espessas e a concentração de materiais em determinados pontos como indicadores de baixa densidade populacional. A maioria dessas idéias, ao contrário de sugerir um padrão de implantação para os sítios, atesta o uso de prospecções voltadas para o estudo de basicamente um único tipo de ambiente, o fechado.

A busca de explicações mais amplas, que levem em conta a dinâmica do sistema de assentamentos, também passa pela descoberta e correlação das diversas classes de sítios, os quais também estão localizados em ambientes abertos e devem ser devidamente investigados, ainda que isso exija um maior gasto de energia por parte dos pesquisadores, conforme enfatiza Kipnis (1998). Ademais, escavações limitadas a um ou dois cortes estratigráficos do tipo *cabina telefônica* também limitam a

obtenção de dados referentes ao tamanho, estrutura dos assentamentos e informações sobre a densidade de material e deslocamentos periódicos de abastecimento. Essa ausência de dados impossibilita explicações mais específicas relacionadas à demografia, natureza dos sítios e possibilidades de contatos extraculturais. Ainda que vagas, as primeiras informações nessa direção apresentam uma classificação de sítios arqueológicos, com destaque o sítio GO-CB-01, de atividade limitada e caracterizado como oficina de lascamento (Simonsen 1975). Os sítios superficiais da área centro-sul de Goiás também estão correlacionados à exploração de matérias-primas (Andreatta 1985); no leste, bacia do Paranã, além da região de Caiapônia, há menção de sítios superficiais de exploração de matéria-prima que podem estar relacionados ao período de dispersão dos grupos em função da seca, indicativo de uma época de escassez de produtos alimentares (Souza et al. 1981-1982; Schmitz et al. 1986, 1989). Em Mato Grosso, região dos rios do Peixe e das Garças, há registro de sítios a céu aberto e em ambientes fechados, ainda sem uma análise funcional desses assentamentos. Na região do Rio Vermelho, Wüst (1990), ao trabalhar com três sítios de caçadores-coletores, classificou-os em dois tipos: sítios habitação e acampamentos temporários.

Quanto ao sistema de subsistência, é provável que os primeiros caçadores-coletores tenham utilizado técnicas de forrageamento na exploração de plantas e animais disponíveis em uma área. Essa idéia deve ser interpretada com cautela, pois, como explica Bird-David (1995), elementos como contatos extragrúpicos, diversidade e flexibilidade econômicas devem ser considerados, uma vez que colocam em questionamento a ênfase dada à caça e à falta de recursos. Baseando-se nos remanescentes arqueológicos encontrados em Goiás, Schmitz et al. (1978-1980) e Schmitz (1980) consideram que a subsistência dos grupos baseava-se principalmente na caça generalizada. Este modelo foi recentemente questionado por Kipnis (1998), a partir

6 Estudos de ecologia humana indicam que a densidade populacional entre grupos caçadores-coletores é aproximadamente de 35 a 75 indivíduos. Essa idéia leva em conta que o número de indivíduos deve ser abaixo do nível de exaustão dos recursos naturais existentes em um determinado nicho.

de pesquisas realizadas no Vale do Peruaçu, Minas Gerais; seus estudos revelam uma economia caçadora-coletora estruturada basicamente em produtos de coleta vegetal, haja vista que, conforme Neves et al. (1996), a alta incidência de cáries nos indivíduos indica uma dieta rica em carboidratos. Tanto a confirmação quanto a refutação desses modelos passam por um maior número de pesquisas extensivas, acompanhadas de grande detalhamento arqueológico e maior refinamento de dados paleoambientais.

Schmitz (1980) apresenta hipóteses sobre a utilização anual de abrigos na região de Serranópolis; sua idéia sustenta-se na diversidade de recursos, na preservação de materiais dessa natureza no contexto estratigráfico dos sítios e na ausência ou raridade de sítios em ambientes abertos. Outra hipótese baseia-se em duas questões: a) impossibilidade de se ter, em todos os ciclos estacionais, recursos de subsistência nas proximidades dos assentamentos; b) limitação da produção de alimentos, o que muitas vezes favoreceu deslocamentos planejados como forma de garantir a sobrevivência da população (Schmitz 1984). Seguindo esse raciocínio, Schmitz et al. (1989) propõem um modelo de assentamentos baseado na disponibilidade de recursos alimentares: os tempos de chuva representariam maior abundância de alimentos vegetais, obtidos através da coleta, o que garantiria a concentração dos caçadores-coletores em abrigos; em períodos secos, recorreriam a uma maior dispersão populacional, acampando a céu aberto ou em pequeníssimos abrigos, a exemplo dos existentes em Caiapônia e no alto Araguaia.

A subsistência dos grupos relacionados à Tradição Serranópolis, embora também esteja baseada em atividades de caça e coleta generalizadas, também está voltada para o consumo de moluscos terrestres, encontrados em grande quantidade face às novas condições climáticas holocênicas no interior do continente (Schmitz 1984). Contudo, a ênfase dada à utilização de moluscos na dieta alimentar deve ser vista

com cautela, pois há possibilidade de eles também estarem nas camadas estratigráficas por ação natural ou que tenham sido transportados por outros animais. Isso porque, com base em uma dieta alimentar estruturada no consumo de gastrópodes terrestres e fluviais, foi elaborado um modelo que considera o aumento da umidade como fundamental na multiplicação desses moluscos, o que, por conseguinte, teria levado os grupos caçadores-coletores a diversificarem sua dieta alimentar (ver Barbosa 1981-84).

Sobre o sistema tecnológico dos grupos caçadores-coletores, de acordo com Fogaça (1991), muitos dos estudos realizados não tiveram a preocupação, por exemplo, com dados referentes a elementos envolvidos em uma cadeia operatória de elaboração do instrumento, estratégias de obtenção de matérias-primas, técnicas de lascamento, entre outros. Apesar disso, sabe-se que a tecnologia desses caçadores-coletores era simples e, com base nos materiais preservados, percebe-se o predomínio de instrumentos líticos e, em menor escala, ósseos; é também provável que tenham utilizado peles e tendões de mamíferos, penas de aves, madeira, etc. No entanto, devido provavelmente à má preservação desses materiais, pouco restou como testemunho material.

A indústria lítica do Complexo Dourado, por exemplo, é caracterizada por lascas de percussão dura, ocasionalmente apresentando trabalho secundário por pressão; dentre os instrumentos, foram encontrados lâminas de bifaces e diversos tipos de raspadores (Miller 1987).

Na Tradição Itaparica, os artefatos de material ósseo estão representados por espátulas feitas a partir de restos de cervídeos e outros mamíferos. A matéria-prima para a confecção dos artefatos líticos e sua localização está ligada à disponibilidade local (arenito silicificado, quartzito e outros), já que foram encontrados nos alcantilados dos próprios abrigos ocupados (Souza et al. 1981-82; Schmitz et al. 1989). A caracterização dessa indústria lítica é enfatizada pela pouca quantidade

de pontas líticas. Essa idéia levou à hipótese de que existiria no Brasil, mais precisamente nas regiões Centro-Oeste e Nordeste, um horizonte paleoíndio com ausência, ou pouca quantidade, de pontas de projéteis; outro horizonte, com maior quantidade dessas pontas, estaria localizado no planalto meridional (Schmitz 1978-80). Hoje em dia, com o desenvolvimento de novas pesquisas, essa tese vem se tornando cada vez mais insustentável: pontas de projéteis em sílex e quartzo foram encontradas na bacia do Paranã (Souza et al. 1981-82; D. Martins 1998); para o sítio GO-JA-01, localizado em Serranópolis, Schmitz et al. (1989) mencionam uma ponta de projétil com armação de osso; no planalto de Maracaju e região do alto Paraná, em Mato Grosso do Sul, também foram encontradas pontas de projéteis (G. Martins 1996; Kashimoto 1997). Outros instrumentos podem ser destacados; todos foram confeccionados por percussão direta, a partir do uso de percutores duros, percutores pequenos discoidais, além de instrumentos alisados e picoteados; os artefatos mais freqüentes são os unifaciais que, de um modo geral, apresentam uma face plana, não-trabalhada, e outra convexa, transformada: face unilateral e bilateral, furadores, buris, raspadores de bico plano-convexo, raspadores terminais plano-convexos, bifaces, bicos, picões, grandes raspadores, lâminas de machado lascadas, instrumentos bifaciais (Simonsen 1975; Schmitz et al. 1982; Schmitz 1984). Enfim, a discussão em torno da existência ou não de um horizonte paleoíndio no Centro-Oeste, assim como em outras regiões do Brasil, ainda é motivo de muitas controvérsias, conforme enfocou Schmitz (1999a) em recente artigo.

Na Tradição Serranópolis, a tecnologia de instrumentos líticos é sensivelmente modificada, caracterizada por uma indústria lítica tecnomorfologicamente mais simples. Portanto, não está mais enquadrada no esquema tipológico proposto para a tradição anterior. O desaparecimento dos instrumentos anteriores é interpretado

pelas modificações das variáveis ambientais do *Altithermal*, que exigiria, segundo Barbosa (1981-82), um novo modo de adaptação tecnológica; esta idéia vale-se de um determinismo ambiental para explicar uma dinâmica sociocultural complexa. Nesse período, não são mais observados os bem-elaborados artefatos laminares, que passam a ser substituídos por lascas, usadas predominantemente sem qualquer retoque; ressalta-se novamente a raridade das pontas. Outros artefatos são destacados: goivãs; bicos raspadores, pequenos laterais e terminais; perfuradores; pontas de entalhe; cunhas; plainas; buris; talhadores; formões; quebra-cocos, etc. As espátulas de ossos também desapareceram, surgindo alguns anzóis e artefatos feitos a partir de carapaças de moluscos (Barbosa 1981-82).

A hipótese de continuidade, dos caçadores-coletores tardios aos agricultores e ceramistas portadores da Tradição Una, já mencionada anteriormente e observada através de sucessões estratigráficas, é constatada apenas em algumas áreas do Centro-Oeste: alto Araguaia e bacia do Rio Vermelho (Wüst 1990). Certas características presentes entre os grupos caçadores-coletores mais recentes corroboram essa hipótese, pois representam elementos de transição de grupos caçadores-coletores para agricultores: implantação em áreas de mata/cerrado, acesso a recursos mais diversificados e solos melhores e mais propícios ao cultivo. Moreira (1981-84), baseando-se nos dados de um único corte estratigráfico feito no sítio GO-JA-01, explica que o declínio dos produtos alimentares de origem animal pode estar relacionado com o consumo dos produtos cultivados, os quais gradualmente favoreceram um aumento do tamanho dos assentamentos.

Há ainda alguns aspectos sociais e ideológicos que merecem um breve destaque. Observa-se que os mais antigos esqueletos humanos do Centro-Oeste, provenientes de escavações controladas, são de grupos caçadores-coletores da região de Serranópolis. Ali, os enterramentos são primários:

mortos eram enterrados em posição fletida, deitados sobre um dos lados, e podiam ter o corpo coberto por blocos de pedras. Há dados de enterramentos de indivíduos adultos e, em menor proporção, de crianças; atestou-se ainda a presença de acompanhamentos funerários, como um conjunto de contas vegetais, sobre o corpo de uma criança e de um jovem pertencentes a caçadores-coletores mais recentes.

Os agricultores e ceramistas: aspectos gerais

No Centro-Oeste, à exceção do Pantanal e adjacências, a presença de grupos agricultores e ceramistas está caracterizada, até onde sabemos, por seis tradições: Una, Aratu (7), Uru, Tupiguarani, Bororo e Inciso Ponteada. Outras tradições, porém, podem existir, mas não foram detectadas até o presente momento. Esse pode ser o caso das regiões do planalto de Maracaju-Campo Grande, planalto da Bodoquena e bacia do Paraná, em Mato Grosso do Sul, onde as pesquisas em grande parte iniciaram-se nos anos 90 e, por conseguinte, muitas áreas ainda não foram extensivas e intensivamente prospectadas.

Estudos recentes, como os de González (1996a, 1996b), baseados não somente em fatores geográficos, consideram grande parte da Região Centro-Oeste como uma área de confluência para onde grupos ceramistas de regiões distintas se teriam deslocado. Dentre esses grupos, deve-se mencionar os portadores da Tradição Tupiguarani, comumente correlacionados a grupos lingüisticamente Tupi-Guarani, originários da Amazônia, que, ao atingirem o Centro-Oeste, favoreceram a existência de uma situação de pressão diante de outros grupos já estabelecidos na região (ver Brochado 1984, 1989; González 1996a) (8). Essa situação é observada em alguns fenômenos de sítios arqueológicos em Goiás e Mato Grosso, entre os quais pode ser destacada a pouca ocorrência dos sítios tipica-

mente Tupiguarani em relação aos assentamentos que apresentam elementos de fusão e/ou empréstimo de unidades socioculturais diversas, isto é, sítios multicomponenciais. Há ainda a ocupação ocasional do topo de elevados morros que indicam estratégias defensivas (Wüst e Vaz 1998). Interpretações sobre os deslocamentos dos Tupi, de caráter difusionista, consideram que o planalto central estaria cercado por rotas de grupos Guarani e Tupinambá, representantes da Tradição Policrômica da Amazônia, da qual se teria originado a Tradição Tupiguarani (Brochado 1984, 1989). Esses grupos se teriam deslocado, respectivamente, em direção norte-sul e nordeste, descendo pela faixa litorânea até o atual estado de São Paulo. Há ainda a possibilidade de um outro deslocamento a partir do noroeste da Amazônia, dirigindo-se no sentido centro-sul e sudeste (Susnik 1975). Finalmente, a região do vale do São Lourenço representaria uma outra área de pressão dos portadores da Tradição Tupiguarani no Centro-Oeste.

Dentre as ocupações ceramistas mais antigas, merecem destaque as relacionadas aos grupos portadores da Tradição Una, no sudoeste goiano e na bacia do Paraná, com datações em torno de 1.000 AP (Souza et al. 1981-82; Schmitz et al. 1989) (9). Em Mato Grosso, a ocupação ceramista mais antiga está representada pelos sítios Ferraz Egreja e MT-SL-72, ambos localizados em Rondonópolis e com datas em torno de 2.000 AP (Vilhena-Vialou e Vialou 1994; Wüst e Vaz 1998).

Segundo González (1996a), as datações disponíveis para os grupos da Tradição Una apontam dois momentos distintos de ocupação: um, dos últimos séculos a.C. até o início da Era Cristã (alto Araguaia e médio Tocantins); outro, em um período mais recente, de 720 a 1.210 d.C. (Tocantins, vale do Rio Vermelho e baixo Paranaíba). Esta tradição também está presente em diversas regiões circunvizinhas: Bahia, Tocantins e norte e sul de Minas Gerais (Schmitz e Barbosa 1985).

Em períodos mais recentes e, por conseguinte, com características ambientais

7 A Tradição Aratu corresponde às antigas tradições Aratu e Sapucaí; alguns arqueólogos a citam como Tradição Aratu-Sapucaí.

8 *Tupiguarani* (sem hífen) refere-se a uma tradição tecnológica ceramista. O termo *Tupi-Guarani* (com hífen), por sua vez, é empregado para denominar uma família lingüística.

9 A datação mais antiga desta tradição é de 410 a.C., no médio Tocantins. Há também uma datação de 2.920 AP, referente a grupos ceramistas não-pertencentes tecnologicamente à Una, na região de Caiapônia, que, segundo Schmitz et al. (1986), não é confiável por haver a possibilidade de mistura de carvão das camadas mais antigas do sítio.

peculiares, iniciaram-se as ocupações dos grupos portadores da Tradição Aratu, os quais foram parcialmente contemporâneos dos da Tradição Una. Os grupos portadores dessas duas tradições ceramistas, juntamente com os portadores das tradições Uru e Tupiguarani e grupos do alto Xingu, são genericamente caracterizados como grupos das *grandes aldeias*.

A Tradição Aratu localiza-se desde o litoral de Pernambuco, Bahia e Espírito Santo até o interflúvio dos rios Araguaia e Tocantins e, no sul, até o Rio Paranaíba (Wüst 1990). Em Goiás e Mato Grosso esta tradição está representada principalmente nas seguintes regiões: partes central e oriental de Mato Grosso Goiano, altos afluentes do Tocantins, Paranaíba e Araguaia; regiões dos rios Uru e Corumbá (em Goiás); bacia do Paranã e município de Orizona (10). O momento mais antigo apresenta datas ao redor do século IX da Era Cristã, entrando em colapso muito antes do início da Conquista Ibérica.

A Tradição Uru, cujas origens podem estar relacionadas ao grupos do alto Xingu (Irmhild Wüst, comunicação pessoal, 1999), ocorre desde o vale do Araguaia até o sudeste de Mato Grosso, além de sítios localizados na bacia do alto Tocantins. Quanto às datações, em Mato Grosso são do século VIII d.C., enquanto em Goiás a data mais antiga é do século XII d.C. Há hipóteses de que a Tradição Uru tenha chegado até o início da Conquista, podendo alguns sítios mais recentes estarem associados aos índios Karajá (Wüst 1975). Os sítios Bororo localizam-se em Mato Grosso (alto e médio Vermelho) e estão correlacionados a uma fusão de diversas matrizes e culturas étnicas, entre elas as dos grupos portadores das tradições Uru e Tupiguarani (Wüst 1990). Na região do alto Xingu, pode ser destacado o material da Lagoa de Miararré, classificado como pertencente a grupos da Tradição Inciso Ponteadada da bacia do Amazonas e relacionado às grandes aldeias estudadas por Henckenberger (1998), Becquelin (1993) e Simões (1967), cujas datações mais antigas são do século XI d.C.

Os agricultores e ceramistas: assentamentos, subsistência, tecnologia e aspectos sociais e ideológicos

A respeito da implantação de sítios dos grupos agricultores e ceramistas na paisagem, dados apontam que os portadores da Tradição Una estabeleceram-se em ambientes de relevo acidentado, com predomínio de áreas de cerrado, e ocuparam as camadas mais superficiais de grutas e abrigos rochosos, às vezes os mesmos utilizados pelos antigos caçadores-coletores. Há também registros de ocupações em áreas abertas, nas cercanias do Rio Claro, próximo a Jataí, além de outros sítios existentes na bacia do Paranã. No entanto, observa-se que as idéias apresentadas também não consideram as áreas de entorno dos assentamentos, as quais, como já frisamos anteriormente, estão relacionadas à captação de recursos alimentares e matéria-prima.

O desenvolvimento do cultivo, bem como da tecnologia de produção de artefatos cerâmicos, contribuiu para o adensamento dos grupos pré-coloniais na região.

Em relação às demais tradições, o número de sítios da Tradição Una é bastante reduzido em relação ao total de sítios ceramistas registrados no Centro-Oeste. Assim como em outros casos, esta situação também pode ser explicada pela baixa visibilidade dos sítios em áreas de florestas e a adoção de prospecções *oportunisticas* no levantamento arqueológico (González 1996a). A localização dos sítios em ambientes fechados, os estratos arqueológicos pouco espessos e o material neles encontrado levaram os pesquisadores à apresentação de diferentes interpretações sobre a função desses assentamentos: cerimonial (Simonsen et al. 1983-84); habitação semipermanente (Schmitz e Barbosa 1985); habitação (Schmitz et al. 1986); de função não-residencial (Wüst 1990).

No que diz respeito aos sistemas de

10 Há controvérsias sobre a presença de grupos portadores da Tradição Aratu no norte de Mato Grosso (ver Pardi 1995). Uma data obtida por termoluminescência de 1.779 ± 170 AP, para um sítio no sudeste de Goiás, e uma outra de 2.280 ± 60 AP, para a região goiana de Corumbá, sugerem uma antiguidade maior do que a convencionalmente aceita, porém não sendo totalmente confiáveis (ver Andreatta 1985; Mello et al. 1996). Há ainda a hipótese, não comprovada através de dados arqueológicos, de que grupos portadores da Tradição Aratu tenham dado origem aos Kayapó do Sul (cf. Schmitz 1982; Atáides 1998).

subsistência, os grupos da Tradição Una mantiveram uma agricultura incipiente iniciada por caçadores-coletores tardios (Wüst 1983). No sudeste de Mato Grosso, esse período de transição, de caçadores-coletores para agricultores, é atestado por práticas agrícolas em um contexto acerâmico, também indicado pela mudança no padrão de assentamento; um exemplo é o sítio MT-SL-37, com uma data de 2.570 ± 70 AP. Ademais, outras características dos sítios – localização em áreas de transição entre mata e cerrado, morfologia, presença de solos argilosos e a esporádica ocorrência de artefatos cerâmicos e líticos polidos em sua superfície – indicam ser de caçadores-coletores em transição para a agricultura. No sudoeste de Goiás, alguns sítios indicam que esses grupos cultivaram diversas plantas (milhos, cucurbitáceas, amendoim, etc.) e, em escala considerável, mantiveram ainda atividades de coleta de vegetais, apanha de moluscos e caça de animais, em complementação à sua dieta alimentar (Schmitz 1976-77; Schmitz e Barbosa 1985) (11).

Na cerâmica da Tradição Una há recipientes pequenos, de contorno simples ou infletido, cor escura, forma de pratos rasos, tigelas e pequenas panelas com engobo branco ou vermelho e raras decorações dos tipos inciso e ponteados; a espessura das paredes varia entre 0,3 e 1 cm; o antiplástico predominante é mineral e, em menor proporção, cariapé e partículas brancas de origem animal, ainda não identificadas (Wüst e Schmitz 1975).

Posteriormente, aproximadamente no século IX a.C., a região é ocupada por grupos numerosos, os da Tradição Aratu, que construíram grandes aldeias anulares. Os sítios desses grupos, por sua vez, localizam-se em ambientes abertos, de relevo ondulado suave a forte, geralmente em ambientes de mata e raramente nos de cerrado; não há registros de ocupações em abrigos para esses grupos. Em sítios da bacia do Paraná há registros de sepultamentos localizados em grutas próximas às aldeias, estas últimas situadas a céu aberto (Simonsen et al. 1983-84).

Estudos mais recentes, também preo-

cupados com a espacialidade dos sítios na paisagem e com o sistema de assentamento, interpretam o padrão ocupacional dos grupos ceramistas como um sistema amplo, ao qual estão vinculadas várias classes específicas de sítios (ver Wüst 1983, 1990; Mello et al. 1996). Exemplo disso são as investigações realizadas na região goiana de Corumbá, feitas por Mello et al. (1996), que localizaram sítios de grupos portadores da Tradição Aratu nas proximidades de rios de porte médio a grande, como é o caso do Rio Corumbá (GO). Até há pouco tempo, a literatura arqueológica regional explicava a adaptação desses grupos basicamente a regiões de rios perenes e áreas de cabeceiras dos rios (Schmitz et al. 1981-82; Schmitz et al. 1982).

Outrossim, as primeiras pesquisas no Centro-Oeste vinculam a ocupação dos grupos ceramistas das *grandes aldeias* a ambientes de solos propícios à agricultura, uma vez que sua dieta alimentar estava baseada em produtos cultivados. Todavia, pesquisas incluindo análises de solo e a implantação dos sítios na paisagem têm demonstrado que nem sempre os sítios ocorrem nesses locais. Atualmente, há o entendimento de que o deslocamento dos assentamentos não está necessariamente relacionado ao esgotamento de solos, o que implica explicações alternativas para a mobilidade espacial dos grupos (Wüst 1983).

Com efeito, as abordagens mais recentes, ao considerarem a complexidade dos ecossistemas existentes no Centro-Oeste e, principalmente, as diferenciações socioculturais dos grupos agricultores que ali se estabeleceram, tendem a adicionar aos elementos ambientais (solo, relevo, vegetação, fauna, etc.) dados relacionados à disponibilidade e ao potencial dos recursos de uma determinada área; consideram que seu aproveitamento segue processos de decisões estabelecidos por padrões socioculturais, nos quais o equipamento tecnológico e o contingente populacional constituem elementos que também devem ser levados em conta (Wüst 1983).

Para os grupos da Tradição Aratu, que ocuparam ambientes abertos, verificam-se

11 Até o presente momento, as evidências botânicas mais antigas de milhos e cucurbitáceas foram encontradas na Lapa do Gentio II, Minas Gerais; para este sítio há datas em torno de 1.540 a.C. (Dias 1981).

grandes aldeias localizadas sobre encostas suaves de colinas nas proximidades de cursos d'água de porte variado. As aldeias, formadas por diversas concentrações de refugio, principalmente cerâmico, apresentavam-se nas formas circular, oval ou em feradura, em áreas que variavam de 13.000 m² a 345.000 m², formadas por dois ou três anéis concêntricos, sendo o interno o mais antigo (Silva et al. 1997; Wüst e Barreto 1999) (12). Baseando-se nas áreas dos sítios grandes e pequenos, Wüst (1983) e Mello et al. (1996) supõem que o contingente demográfico seria em torno de 150 a 2.000 pessoas, segundo dados referentes às regiões de Sanclerlândia e do Rio Corumbá, em Goiás. Também estão presentes sítios pequenos, constituídos por uma única *mancha*. Há várias interpretações sobre as diferenças de tamanho dos sítios: a) são contemporâneos e as aldeias grandes representam sítios de habitação, enquanto os menores estão relacionados a sítios de exploração específica, ocupados por algumas pessoas do grupo maior e por um determinado período, modelo este proposto para grupos da Tradição Aratu na região de Corumbá, em Goiás, e Mato Grosso Goiano (Wüst 1983; Mello et al. 1996); b) sítios de habitação pequenos representam um mecanismo de defesa, cisões grupais, contra as incursões dos primeiros colonizadores e/ou mesmo declínio populacional ou contato com outros grupos étnicos (Wüst 1983; Mello et al. 1996); c) as diferenças no tamanho dos sítios também podem indicar hierarquias entre aldeias, relacionadas a uma centralização política (Wüst e Carvalho 1996).

Na região de Mato Grosso Goiano, há registros de sítios de habitação, localizados no alto de colinas, sem características de assentamentos de exploração de matéria-prima ou de produtos alimentares, mas com conotação defensiva; sua posição estratégica no relevo também poderia representar a demarcação de território (Wüst 1983, 1990). Os depósitos arqueológicos com até 30 cm de espessura indicam uma relativamente curta duração ocupacional, ao passo que os de até 60 cm indicam uma

permanência estimada de duas a três gerações. Com base nesses dados, Wüst (1983) avalia que na Região Centro-Oeste o ambiente não foi determinante no tempo de permanência no sítio. Também de conotação defensiva destacam-se as grandes aldeias do alto Xingu, as quais apresentam estradas e valetas que contornam a periferia de algumas das aldeias pré-históricas da região (Heckenberger 1998).

O principal sustento dos grupos da Tradição Aratu esteve em produtos agrícolas, com destaque para milhos, feijões e tubérculos, embora com a ausência de mandioca amarga (Schmitz 1976-77; Schmitz e Barbosa 1985). A presença de sítios de atividades limitadas pode, também, estar relacionada à existência de roças mais distantes da aldeia principal, bem como à exploração de produtos obtidos através das atividades de caça e coleta. Ressalta-se que dados sobre a função dos sítios devem estar acompanhados da análise da implantação dos assentamentos no ambiente, sua localização diante da compartimentação fitogeográfica da área, densidade do refugio e aspectos morfológicos do sítio (Wüst 1983).

Sobre a tecnologia dos grupos ceramistas que ocuparam o Centro-Oeste brasileiro, a inter-relação dos diversos elementos apontados, como o cultivo de plantas e o crescimento populacional, exigiu novos acréscimos ao sistema tecnológico então conhecido. A manipulação da argila para a confecção de recipientes cerâmicos é um exemplo dessa nova realidade. No que diz respeito à indústria lítica, percebem-se vários acréscimos necessários à prática da agricultura, sobretudo a utilização da técnica de polimento e o surgimento de novos instrumentos (Schmitz et al. 1986). Entre as tradições Aratu e Uru, por exemplo, notam-se vários elementos comuns em sua indústria lítica: percutores de seixos, quebra-cocos, polidores, raspadores laterais, lâminas de machado polidas com garganta e semilunar, mãos-de-pilão polidas e martelos. A indústria de lascas é reduzida e geralmente limita-se ao uso de lascas sem trabalho secundário (Wüst 1983). Essas semelhanças correspondem a instrumen-

12 A forma da aldeia também pode ser observada através de manchas pretas, formadas por acúmulo de material orgânico oriundo das unidades residenciais.

tos líticos básicos e característicos de grupos agricultores. Por outro lado, há diferenças sutis como talhadores uni e bifaciais, furadores, entre outros, para a Tradição Uru, e mãos-de-pilão picoteadas, tembetás de corpo médio e longo, entre outros, para a Aratu (Schmitz et al. 1982).

Cabe ressaltar que, na maioria das pesquisas realizadas no Centro-Oeste, sobretudo em Goiás com os primeiros programas de pesquisa arqueológica, a análise dos instrumentos líticos não acompanhou a ênfase dada às peças cerâmicas. Em campo, a coleta de material arqueológico foi direcionada ao recolhimento de material cerâmico. É certo, porém, que essa abordagem não reflete a situação atual das pesquisas na região, embora dificulte as interpretações mais apuradas sobre o sistema tecnológico e as inter-relações existentes nas sociedades agrícolas pré-coloniais. Entretanto, as coleções cerâmicas existentes em acervos de instituições de pesquisas são grandes, assim como o número de publicações a respeito, embora suas interpretações mereçam ser revisadas à luz de novas propostas metodológicas.

Na Tradição Aratu, grande parte dos recipientes é maior que os dos grupos anteriormente tratados. Foram confeccionadas vasilhas periformes, esféricas ou elipsóides grandes. As bordas dos recipientes não apresentam reforço e as bases apresentavam-se arredondadas, côncavas ou furadas. São comuns as formas grandes, que comportam de dezenas a centenas de litros, embora sejam quase inexistentes os grandes pratos ou assadores. Uma outra forma característica é um pequeno vasilhame geminado (13). Destacam-se ainda rodela de fuso, carimbos e cachimbos tubulares. As decorações são poucas: inciso, entalhe, unglado, ponteadado, borda acastelada, asa, aplique mamilonar, banho vermelho e pintura preta. O antiplástico predominante é o mineral, que é substituído gradualmente pelo cariapé (Schmitz 1976-77; Schmitz e Barbosa 1985). Segundo Mello et al. (1996), essa relação temporal não está presente em toda a Região Centro-Oeste, de modo que os aditivos cerâmicos devem ser utilizados

com cautela na pesquisa arqueológica, podendo contribuir ocasionalmente para a identificação de grupos culturais, mas não necessariamente serem utilizados como parâmetro cronológico.

Os grupos portadores da Tradição Uru geralmente assentaram-se ao longo dos principais rios, em ambientes abertos e de relevo pouco acidentado; destacam-se as chapadas próximas às margens de lagos de barragem e córregos perenes, com o predomínio da vegetação de cerrado, em solo de baixa fertilidade e altitudes mais baixas (200-600 m) em relação aos assentamentos dos grupos da Tradição Aratu (Wüst 1990). Quanto à sua subsistência, tinham no cultivo da mandioca amarga e nos produtos da pesca os principais sustentos; as atividades de caça e coleta complementavam, em menor escala, sua dieta alimentar (Schmitz e Barbosa 1985).

Sítios da Tradição Uru foram encontrados em ambientes abertos e fechados. Os sítios apresentam formas diversas: concentrações cerâmicas que representam casas plurifamiliares, dispostas em sentido linear. Podem formar até duas fileiras duplas com até 630 m de extensão ou ter formas circulares e elípticas, formadas por diferentes concentrações, de um a três anéis concêntricos com cerca de 500 m de diâmetro e cujo depósito arqueológico não ultrapassa uns 30 cm de profundidade (Schmitz et al. 1981-82; Wüst 1983, 1990). Em alguns desses sítios, constatou-se uma deposição arqueológica na parte central que poderia corresponder à chamada *casa dos homens*, local onde foram encontrados artefatos cerâmicos distintos daqueles localizados nas supostas unidades residenciais (Wüst 1990). As aldeias maiores expressariam contingentes demográficos em torno de 1.000 indivíduos, enquanto as menores em torno de 200 pessoas (Wüst 1992).

Os grupos da Tradição Uru confeccionaram vasilhas com formato de pratos e assadores, grandes tigelas rasas de borda reforçada, características do processamento de mandioca, e jarros necessários para estocagem de água, fermentação e conservação de bebidas. As decorações são limita-

13 A forma dupla poderia ser um elemento guia na identificação da Tradição Aratu; está representada na Fase Mossâmedes. No entanto, em casos isolados, esta forma ocorre na Tradição Uru e no sítio GO-CA-03 (Schmitz et al. 1982).

das, ocorrendo pequenas incisões, unguiações ou entalhes nos lábios ou bordas, apêndices ou apliques, suportes de painéis, pinturas pretas sobre vermelhas, bordas acasteladas, asa ou alça e carimbos. O antiplástico é predominantemente cariapé (Schmitz 1976-77; Schmitz e Barbosa 1985).

Finalmente, sobre os grupos portadores da Tradição Tupiguarani, sabe-se que eles são de origem amazônica e estiveram presentes em praticamente todo o território nacional e demais países platinos. Observa-se que em Goiás e Mato Grosso há maior domínio da decoração pintada sobre a plástica (Fensterseifer e Schmitz 1975; Schmitz e Barbosa 1985; Wüst 1990; D. Martins 1996) (14). Em Mato Grosso do Sul, sobretudo na região da bacia do Paraná, predominam sítios com cerâmica de decoração plástica (Kashimoto 1997; Martins e Kashimoto 1998, 1999a; Veroneze 1993); ainda hoje ali vivem milhares de índios Guarani, distribuídos entre as etnias Kaiowá e Nandeva.

Os sítios da Tradição Tupiguarani, ao menos os até agora localizados, situam-se em ambientes de mata-galeria ou cerrado, em terrenos aplanados ou em declives suaves, próximos a grandes rios utilizados para atividades de pesca e transporte (Schmitz e Barbosa 1985; González 1996a). Há registros de grupos em ambientes fechados nos estados de Goiás e Mato Grosso, nos quais fragmentos cerâmicos são observados nas camadas mais superficiais de abrigos e em ambientes abertos; os materiais indicam casos de uma única concentração, a da casa comunal, como é o caso dos sítios encontrados na região da bacia do Paraná (ver Simonsen et al. 1983-84; Ribeiro 1988; Schmitz et al. 1989; Wüst 1990; D. Martins 1996). É importante ressaltar que os sítios Tupiguarani, se por um lado são poucos e bastante dispersos em certas áreas do Centro-Oeste, por outro estão muito bem representados quando se trata de sítios multicomponenciais. Esses sítios estão localizados em locais habitados, contemporaneamente ou não, por grupos portadores de tradições distintas; isso não significa necessariamente que grupos da

Tradição Tupiguarani estejam enfrentando dificuldades em ocupar espaços que, também, estão preenchidos pelos grupos das *grandes aldeias* que ali já estavam estabelecidos (Schmitz e Barbosa 1985). Acredita-se, no entanto, que essa questão é bem mais complexa, pois a interação grupal, entre os portadores da Tradição Tupiguarani e outros grupos, não pode ser pensada, necessariamente, como de caráter negativo ou unilateral (Mello et al. 1996). No Centro-Oeste, apesar da condição minoritária, grupos tecnologicamente Tupiguarani ocuparam parte da região; formaram sítios exclusivamente Tupiguarani ou sítios multicomponenciais; neste último caso, mantêm presentes suas características culturais, observadas através da continuidade de elementos tecnológicos, mesmo ocupando uma área de território contíguo.

No estado de Goiás, os portadores da Tradição Tupiguarani subsistiam da agricultura, com destaque para a mandioca (Schmitz e Barbosa 1985). Desenvolveram um sistema tecnológico que claramente os distingue dos demais grupos. Sua cerâmica caracteriza-se pelo emprego do antiplástico de cacos moídos, decoração pintada, com destaque para a policromia, além de uma decoração plástica mais caracterizada pela ocorrência de corrugado e inciso. Os recipientes característicos são vasos rasos e com ombros, bases convexas ou planas e bordas com reforço. Instrumentos líticos lascados também são frequentes nos sítios; apresentam marcas de técnicas de polimento, além do lascamento uni e bipolar (Schmitz et al. 1989).

A região do alto Xingu, em Mato Grosso, assim como a região Amazônica como um todo, tem sido abordada em diversos debates relacionados à possibilidade de essa área proporcionar ou não recursos para uma base econômica estável, necessária para o sedentarismo e o crescimento populacional. Nessa perspectiva, destacam-se duas possibilidades: uma, defendida por Meggers (1954), considera certos fatores ecológicos, a exemplo da infertilidade dos solos, como barreiras para o desenvolvimento da produção econômica e intensificação dos

14 Não há dados dessa natureza para a região do Alto Paraná.

recursos; outra, elaborada por Carneiro (1956), considera que o cultivo da mandioca, possível mesmo em solos de baixa fertilidade e localizados em terra firme, quando combinado com recursos aquáticos, poderia proporcionar uma base econômica estável e nutricional segura para suportar grandes populações.

As aldeias do alto Xingu apresentam datas ao redor do século XI da Era Cristã, havendo possibilidade de estarem relacionadas a grupos Arawak, representantes mais antigos da cultura xinguanã contemporânea. Os sítios situam-se em áreas selecionadas que proporcionam acesso a diversos cenários ecológicos, como as florestas de terras altas e rios. Os grupos dessa região, diferentemente de muitos outros da Amazônia, particularmente aqueles que utilizam estratégias de deslocamento sazonal e permanente, estão estruturados em grandes e permanentes aldeias, cujas dimensões estão em torno de 800 metros de extensão, sendo ocupadas por cerca de 2.000 pessoas. As aldeias xinguanas geralmente apresentam valetas e elevações artificiais, contornando sua periferia; essas construções refletem um modelo concêntrico de organização espacial, em que o caráter defensivo é notável, enquanto elementos estéticos e simbólicos também devem estar presentes (Heckenberger 1998). Todavia, nas aldeias estudadas por Becquelin (1993), as valetas são de contorno sinuoso e não delimitam totalmente os sítios; isso coloca em dúvida seu caráter defensivo.

Na tecnologia cerâmica, observa-se o emprego do cauxi e cariapé, com associações específicas de areia, conchas e cacos de cerâmica. Como tratamento de superfície, destacam-se decorações pintadas e plásticas, cujas formas relacionam-se com o processamento da mandioca (Heckenberger 1998). Os objetos da Lagoa de Miararré parecem não constituir material utilitário, estando relacionados provavelmente a depósitos rituais (Simonsen e Oliveira 1978).

Os sítios Bororo, por sua vez, estão implantados ao longo de rios de maior porte (navegáveis), com elevada piscosidade e solos férteis, próximos às matas ciliares.

Em situações não-freqüentes, devido ao contato, estabeleceram-se em cabeceiras de rios e áreas de cerrado. Tinham no cultivo do milho seu principal sustento, complementado pela caça, coleta e pesca (Wüst 1989). Apresentam aldeias de morfologia circular ou elíptica. Na época dos primeiros contatos com os conquistadores europeus, estima-se que a população estava em torno de 10.000 indivíduos e que nos anos 90 contavam com aproximadamente 800 pessoas (Cook 1908 apud Wüst 1990).

A cerâmica Bororo é caracterizada por recipientes predominantemente utilitários, semi-esféricos, de contornos simples, diversas formas com gargalos e bases redondas. A espessura dos fragmentos varia de 0,5 a 0,9 cm; a superfície apresenta tom enegrecido, tendo como antiplástico diversos tipos de cinzas vegetais (Wüst 1989).

Por último, mas não menos importante, é oportuno tecermos algumas considerações sobre aspectos sociais e ideológicos dos grupos ceramistas que ocuparam o Centro-Oeste em tempos pré-cabralinos.

Nos grupos ceramistas e agricultores, os aspectos sociais estão marcados por vários elementos, entre os quais pode ser destacada a própria forma das grandes aldeias anulares. A morfologia desses sítios reflete um padrão particular de sistema social, em que é possível perceber várias esferas sociais – a praça central, as casas ou a periferia – e os universos feminino e masculino (Wüst e Barreto 1999). As concentrações cerâmicas são entendidas como locais de habitação ou áreas próximas a estes. Nesse sentido, estas áreas estariam relacionadas a atividades de preparo de alimentos e, portanto, vinculadas ao universo feminino, enquanto a produção de artefatos líticos estaria relacionada ao universo masculino. O pátio central, na maioria das vezes sem evidência de deposição arqueológica, seria um local público, onde eram realizadas atividades não relacionadas à economia e onde categorias femininas e masculinas teriam papéis específicos. A presença de urnas funerárias, em áreas situadas atrás dos espaços residenciais, indica uma função relacionada à

prática de sepultamentos (Wüst 1983).

Dados sobre a proporção de ordem de grandeza e do espaçamento dos sítios indicam que no universo social dos grupos agricultores e ceramistas não havia uma centralização na organização sociopolítica e econômica. Cada comunidade local estaria representada por um grupo econômico e político autônomo, sem especialização artesanal, ou seja, havia um sistema segmentário, ocasionalmente expresso por uma divisão de trabalho, em nível de unidades domésticas, que valorizavam extensas redes de relações extraculturais (Wüst e Carvalho 1996). A presença ocasional de artefatos *intrusivos* indica a existência de redes extracomunitárias e extraculturais. Isso demonstra que os grupos do Centro-Oeste não eram unidades fechadas, mas propensas a constantes fluxos não só de bens como de informações e pessoas (Wüst 1983, 1990). A intensidade do contato entre grupos portadores de tradições tecnológicas diferentes pode ser observada pela presença de sítios multicomponenciais, a exemplo de sítios onde há elementos Uru com Tupiguarani, Bororo com Uru, entre outros (Fensterseifer e Schmitz 1975; Wüst 1990).

Ademais, interpretações sobre organização cultural do espaço, em nível intra-sítio, têm apresentado padrões de disposição da cultura material que normalmente não seriam percebidos por análises arqueológicas usuais (ver Mello et al. 1996; Viana 1996; Wüst e Carvalho 1996). Os dados obtidos reforçam um novo paradigma para a pré-história do Centro-Oeste: demonstram que as sociedades agricultoras e ceramistas não podem ser interpretadas, de forma generalizada, como simétricas e igualitárias, mas que explanações acerca das diferenças e da complexidade de formas possíveis de concepção do espaço vão além de uma adaptação ao meio ambiente; refletem expressões hierárquicas, ou seja, classificações internas entre os membros do grupo, dotados de valores regidos pela dinâmica cultural.

Nesses grupos, as características das práticas de enterramento e o tratamento diferencial entre os sepultamentos atestam

uma preocupação com o mundo sobrenatural e uma distinção social entre as pessoas envolvidas. Não obstante, são pouco conhecidas as práticas de enterramento, pois a acidez do solo não permite boas condições de preservação; raramente permitem a identificação de sexo e idade. Outro fator relacionado à escassez de dados é o extravio desses materiais, ora por leigos, ora por encontrarem-se fora do país (Wüst 1990). Foram registradas formas diferenciadas de tratamento com os mortos: enterramentos primários, secundários diretos e secundários em urnas (Schmitz et al. 1989, 1986). Essa variedade de tratamento pode estar relacionada a diferenças no sistema social.

Para a Tradição Una, há um maior número de informações sobre práticas de enterramentos. Isso porque grande parte dos sítios levantados encontra-se em abrigos sob rocha, locais mais favoráveis à preservação de esqueletos humanos. Os dados indicam o predomínio de enterramentos primários, em posição fletida ou estendida, semelhantes aos de grupos caçadores-coletores anteriores. Também existem enterramentos cercados por pedras e cobertos por uma laje, em posição fletida, com ossos marcados de ocre vermelho. Acrescentam-se ainda prováveis sepultamentos secundários diretos, de natureza coletiva e pertencentes a indivíduos jovens. Destaca-se também um enterramento de criança em posição fletida, coberta por grande quantidade de contas de sementes, tendo fincada sobre ela uma marca, interpretada como um possível indicador do local do enterramento. De um modo geral, a forte flexão dos corpos – cabeça muito junto ao corpo, coluna dobrada em arco e pés às vezes em posição forçada, acomodados ao espaço disponível – sugere enterramentos envoltos, como fardos, sempre deitados de lado, preferencialmente o esquerdo (Schmitz et al. 1989). Na região da bacia do Paranã, os dados disponíveis são de sepultamentos em decúbito dorsal, localizados sobre um leito de cinzas, com a cabeça rodeada de blocos calcários e toda a área recoberta por cacos cerâmicos. Ademais, como

acompanhamento, registram-se colares de sementes e pingentes sobre placas de moluscos (Simonsen et al. 1983-84).

Entre os grupos das tradições Aratu, Uru e Tupiguarani, há o predomínio de enterros secundários em urnas, localizadas em áreas de habitação, cemitérios a céu aberto ou em abrigos rochosos, como é o caso da bacia do Paranã. Os acompanhamentos funerários variam desde tembetás a vasilhas cerâmicas, entre outros. Os enterramentos secundários sugerem maior complexidade do universo simbólico; exigem maior dedicação e sofisticação de práticas rituais, as quais representam o fortalecimento de laços sociais e rituais (Wüst 1990).

As manifestações artísticas, por sua vez, também estão diretamente relacionadas ao universo simbólico de grupos pré-colônias. A análise das manifestações artísticas pré-históricas no Centro-Oeste é bastante complexa e polêmica, pois, ao buscar relacionar as técnicas de execução e o tema representado em tradições já estabelecidas para outras regiões do país, foram estabelecidas associações frágeis, baseadas em números reduzidos de elementos semelhantes. Há, todavia, uma exceção: a Tradição Geométrica, que está bem representada em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (ver Wüst 1990; Veroneze 1993; Beber 1994; G. Martins 1996).

Sobre a Tradição Geométrica, é importante dizer que ela está caracterizada pelo predomínio de figuras geométricas com a utilização da policromia; figuras zoomórficas e antropomórficas são raras. A distribuição espacial dessa tradição compreende os seguintes estados: Bahia, Pernambuco, Piauí, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e talvez Mato Grosso do Sul.

Em Goiás, dominam os estilos Caiapônia e Serranópolis, os quais representam manifestações artísticas com características regionais. O Estilo Caiapônia, localizado no sudoeste de Goiás, está caracterizado pela predominância de figuras em movimento, sobretudo as antropomórficas e, em menor proporção, geométricas e zoomórficas. As figuras geralmente são apresentadas em perfil, sendo que em al-

guns antropomorfos observa-se o destaque de certos detalhes anatômicos, a exemplo de nádegas, e a ausência de outros, como pés e mãos. Também é comum a representação de instrumentos e indumentárias. Figuras fitomórficas também estão representadas, embora em pouca quantidade. No Estilo Serranópolis, situado um pouco mais ao sul, a maioria das manifestações é de figuras geométricas; são raras as figuras antropomórficas e zoomórficas, geralmente representadas de forma estática em relação ao Estilo Caiapônia (ver Schmitz et al. 1978-80; Schmitz et al. 1997; Schmitz et al. 1986; Silva 1992).

É importante ainda mencionar os petroglifos presentes no estado de Goiás, localizados nas regiões de Serranópolis, Caiapônia, bacia do Paranã, região de Jaraguá e Itapirapuã (Schmitz 1981-82; Souza et al. 1979). Em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, ocorrem petroglifos nas áreas dos rios Araguaia, São Lourenço, Xingu, Guaporé, Negro, Itiquira, Teles Pires, Sucuriú e no planalto Maracaju-Campo Grande (Vilhena-Vialou e Vialou 1989; Wüst 1990; Beber 1994; Pardi 1995; G. Martins 1998; Wüst e Vaz 1998).

Embora seja bastante complexo relacionar manifestações artísticas a determinadas tecnologias líticas ou ceramistas, alguns autores apontam para a possibilidade de grupos caçadores-coletores terem produzido arte. Nesse caso, estariam aproveitando os suportes rochosos de abrigos (Simonsen 1975; Schmitz 1984; Vilhena-Vialou e Vialou 1987; Schmitz et al. 1989; Wüst 1990). Nessa perspectiva, a Tradição São Francisco é associada, em Minas Gerais, a grupos agricultores e ceramistas. Os petroglifos, por sua vez, também por serem posteriores às pinturas, foram genericamente associados aos grupos agricultores das grandes aldeias; esse é o caso de algumas tentativas de correlação, por exemplo, das gravuras dos abrigos do Rio do Peixe aos grupos ceramistas portadores da Tradição Uru. Schmitz et al. (1982) também associam as gravuras sobre os lajedos da bacia do Araguaia aos portadores dessa mesma tradição; a área de maior disper-

são dos sítios com petroglifos abrange porções do alto Araguaia, médio Paranã e alto Tocantins.

Enfim, sobre a arte rupestre existente no Centro-Oeste, muito ainda está por ser feito paralelamente ao estudo dos grupos caçadores-coletores aceramistas e agricultores ceramistas que se estabeleceram na região.

O PANTANAL

Os povos das “terras baixas”

As áreas inundáveis, aqui chamadas didaticamente de *terras baixas*, compreendem a maior parte do Pantanal. São marcadas por uma variabilidade climática interanual, caracterizada por duas estações distintas: uma seca, de maio a setembro, e outra chuvosa, de outubro a abril. Possuem um relevo de baixíssima declividade – de 0,7 a 5 cm/km no sentido norte-sul e entre 7 e 50 cm/km no sentido leste-oeste – que, associado à distribuição de chuvas periódicas na bacia do alto Paraguai, explica o fenômeno das cheias anuais. Esta sazonalidade marcante, também chamada de pulso de inundação, é um dos principais fatores responsáveis pela biodiversidade da região: “Por se tratar de uma zona de transição entre sistemas terrestres e aquáticos, o Pantanal pode ser classificado como um grande ecótono, que é uma região de alta produtividade e alta diversidade ecológica” (Francischini 1996). A drenagem das *terras baixas* é feita por córregos, *corixos*, *vazantes* e *baías*, o que também explica as variações do nível e duração das cheias nas diversas sub-regiões da planície pantaneira, as quais geralmente ocorrem durante o primeiro semestre (15).

Essas características ambientais, definidas em fins do Pleistoceno e início do Holoceno, em função de um processo de umidificação de âmbito continental, marcaram, mas não determinaram, o modo de vida das populações indígenas pré-colônias que ocuparam a planície de inundação

do Pantanal. Mais: as *terras baixas* são as áreas mais prospectadas da região; por outro lado, pouquíssimo se sabe sobre os planaltos residuais de Urucum e Amolar, as *terras altas*, porções menos estudadas em termos arqueológicos. Essa situação também pode ser explicada pelo fato de os aterros terem sido transformados em objetos de certo *fetichismo* na arqueologia pantaneira, conforme pontua Oliveira (1997a).

Ao que tudo indica, a pré-história do Pantanal teve início com o estabelecimento de grupos pescadores-caçadores-coletores aceramistas na região, os quais também estão associados a alguns aterros que ali ocorrem. Antes, porém, de dar prosseguimento a esta discussão, faz-se mister esclarecer que o termo “aterro” é aqui empregado para designar um tipo de sítio arqueológico de interior – em oposição aos litorâneos –, a céu aberto e que se apresenta na paisagem como uma elevação do terreno sob forma de estrutura monticular, total ou parcialmente antrópica, que amiúde ocorre em áreas inundáveis (cf. Oliveira 1996, 1997a, 1997b). Esse conceito, ainda que aqui utilizado com cautela, pondera a idéia de que aterro é uma elevação totalmente artificial do terreno em zonas inundáveis, definição esta que tem sido utilizada na arqueologia brasileira desde os anos 60. Dizer que os aterros do Pantanal são totalmente artificiais, intencionais ou não, é negar a presença de fatores naturais em sua gênese e constituição, discussão esta ainda não totalmente equacionada, seja para as ocupações aceramistas, seja para as ceramistas. É muito provável que grande parte dos aterros seja o resultado de vários fatores naturais e antrópicos, os quais necessitam de pesquisas mais detalhadas no campo da geologia e da arqueologia. A maioria dos sítios, notadamente os cerâmicos, possui aspecto de *capão-de-mato* ou de *cordilheira*, o que não significa dizer que todos os *capões-de-mato* e *cordilheiras* do Pantanal sejam sítios arqueológicos ou vice-versa (16).

A maioria das datas mais antigas para o período aceramista situa-se ao redor de 8.200 AP e corresponde ao sítio MS-CP-

15 *Corixos* são canais com calha definida, normalmente perenes, que conectam *baías* (lagoas temporárias ou permanentes). *Vazantes* são canais sem calha definida, temporários ou permanentes, que servem de escoadouros d'água.

16 *Capão-de-mato* [do Guarani *ka'a pu'ã* = mato redondo] é uma elevação do terreno, geralmente areno-argilosa, com 1 a 3 m de altura em relação ao relevo adjacente, dimensão variada, formato elíptico e subcircular ou circular, que se destaca no campo como uma espécie de ilha de vegetação arbórea, cuja composição florística pode variar de uma região para outra. *Cordilheira* é semelhante ao *capão-de-mato*, embora normalmente com formato alongado e, às vezes, posicionada de maneira a separar lagoas intermitentes que ocorrem no Pantanal.

22, um grande aterro localizado sobre a escarpa calcária existente à margem direita do Rio Paraguai, no perímetro urbano da cidade de Ladário, Mato Grosso do Sul (Tabela 3). Trata-se, aparentemente, de um sítio unicomponecial. As datas indicam uma ocupação por cerca de dois séculos e em momento anterior ao período holocênico denominado Optimum Climaticum ou Altitheermal. Nesse período mais antigo, a planície pantaneira já estava caracterizada por condições climato-hidrográficas tropicais e úmidas sob sazonalidade marcante, embora “os principais contornos e ecossistemas aquáticos, subaquáticos e terrestres do Pantanal Mato-grossense teriam sido elaborados nos últimos cinco ou seis milênios” (Ab’Sáber 1988: 28). Esses últimos 5.000 ou 6.000 anos correspondem *grosso modo*, ou ao menos em parte, ao período do Optimum Climaticum. Segundo Fiedel (1996), o começo e o final do Optimum Climaticum provavelmente variaram de acordo com a altitude, latitude e circulação atmosférica de cada região do continente; no caso do Pantanal, nota-se uma grande carência de publicações com dados geocronológicos, isotópicos e palinológicos que possibilitem melhor compreender esse período.

As camadas arqueológicas correspondentes às ocupações acerâmicas anteriores ao Optimum Climaticum, representadas na estratigrafia do sítio MS-CP-22, são compostas por grande quantidade de ossos de peixes, conchas de moluscos aquáticos e, menos freqüentemente, ossos de aves, mamíferos e répteis. No sítio foram escavados 14 m², nos quais encontraram-se artefatos líticos feitos predominantemente de calcário: blocos com pequenas depressões polidas, blocos com superfícies deprimidas, bolas, lâminas e seixos com faces e/ou gumes polidos, possíveis “mãos”, percutores, talhadores e pingentes (Schmitz et al. 1998). Deve-se levar em conta o fato de o sítio estar situado sobre uma grande escarpa calcária existente na linha divisória entre o planalto residual de Urucum e a planície de inundação do Pantanal. Isso também explica o uso de calcário como

matéria-prima predominante na indústria lítica local, embora no local e proximidades também ocorram outros tipos de rochas e minerais. O próprio posicionamento do sítio indica a existência de um sistema de abastecimento que abrangia diferentes ambientes, os da planície de inundação e os do planalto residual de Urucum. De todo modo, muito ainda está por ser feito no que diz respeito ao conhecimento desse sistema tecnológico: cadeia operatória de elaboração de instrumentos, estratégias de obtenção de matérias-primas, etc. (17).

Com base nas análises de restos faunísticos feitas por Rosa (1997, 1998) e nas idéias desenvolvidas por Oliveira (1996, 1997a), é possível supor que o sistema de subsistência dos grupos pescadores-caçadores-coletores estava estruturado na pesca, a principal atividade econômica voltada à obtenção de proteína animal. A caça de animais, como capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*) e jacaré (*Caiman crocodilus yacare*), e, em menor escala, a apanha de moluscos aquáticos, principalmente das espécies *Pomacea canalicuta* e *Pomacea scalaris*, também devem ser levadas em conta; essas atividades variaram, desde o período acerâmico até o cerâmico, em decorrência de tabus alimentares e da quantidade e variedade de recursos faunísticos disponíveis em determinadas áreas, dentre outros fatores. Em muitos aterros, a ocorrência de grande quantidade de conchas de moluscos aquáticos e ossos de peixes, associados a material arqueológico, faz com que os sítios sejam assemelhados a sambaquis. Isso não significa dizer que todas as conchas correspondam, necessariamente, a restos de alimentação humana; parte pode ter servido de material de construção ou foi ali acumulada naturalmente, questão essa que deve ser considerada em estudos zooarqueológicos (ver Schmidt 1914; Cunha et al. 1985; Oliveira 1996). Sendo pescadores-caçadores-coletores especializados e adaptados aos ecossistemas pantaneiros, provavelmente a pesca teria sido praticada por meio do uso de arco e flecha, armadilhas, envenenamento, peneiras ou redes, pois até o presente mo-

17 No Pantanal certamente existem sítios exclusivamente de exploração de matéria-prima para a indústria lítica, os quais, até onde sabemos, ainda não foram levantados. O arqueólogo José Luis dos Santos Peixoto disse a um de nós (J. E. de Oliveira), em 1997, que encontrou um sítio semelhante ao MS-CP-22 no Parque Marina Gattass, em Corumbá, próximo à fronteira Brasil-Bolívia, também localizado sobre a escarpa calcária Corumbá-Ladário e próximo ao Canal do Tamengo.

TABELA 3

DATAÇÕES ABSOLUTAS PARA SÍTIOS DO PANTANAL E ÁREAS ADJACENTES

Sítio e filiação tecnológica	Nível	Data(s) e Laboratório	Referência
MS-CP-22 (Aceramista-Fase Corumbá)	120-130 cm	8.180 ± 80 AP (Beta-91898) (CL)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-22 (Aceramista-Fase Corumbá)	70-80 cm	8.160 ± 60 AP (Beta-91897) (CL)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-22(Aceramista-Fase Corumbá)	100-110 cm	8.270 ± 80 AP (Beta-110551) (CL)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-22(Aceramista-Fase Corumbá)	60-70 cm	8.390 ± 80 AP (Beta-110550) (CL)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-22 (Aceramista-Fase Corumbá)	40-50 cm	8.210 ± 80 AP (Beta-110549) (CL)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-22 (Aceramista-Fase Corumbá)	20-30 cm	8.220 ± 60 AP (Beta-110549) (CL)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-32 (Aceramista-Fase Corumbá)	40-50 cm	4.460 ± 80 AP (Beta-83571) (CV)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-16 (Aceramista-Fase Corumbá)	130-140 cm	4.140 ± 60 AP (Beta-72199) (A/C13)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-16 (Aceramista-Fase Corumbá)	60-70 cm	3.940 ± 60 AP (Beta-72220) (A/C13)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-16 (Aceramista-Fase Corumbá)	30-40 cm	3.920 ± 60 AP (Beta-72201) (A/C13)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-16a (Aceramista-Fase Corumbá)	60-70 cm	3.060 ± 80 AP (Beta-83570) (CV)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-16a (Aceramista-Fase Corumbá)	30-40 cm	2.750 ± 50 AP (Beta-83569) (CV)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-16a (Ceramista-Tradição Pantanal)	20-30 cm	1.710 ± 70 AP (Beta-83568) (CV)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-20 (Ceramista-Tradição Pantanal)	175-190 cm	2.160 ± 50 AP (Beta-91896) (CL)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-20 (Ceramista-Tradição Pantanal)	125-140 cm	1.850 ± 60 AP (Beta-91895) (CL)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-20 (Ceramista-Tradição Pantanal)	105-120 cm	1820 ± 60 AP (Beta-91894) (CL)	Schmitz et al. (1998)
MS-CP-20 (Ceramista-Tradição Pantanal)	50-65 cm	1.700 ± 50 AP (Beta-91893) (CL)	Schmitz et al. (1998)
MT-PO-03 (Ceramista-Tradição Pantanal?)	60-80 cm	820 ± 60 AP (Beta-118269) (CV)	J. E. de Oliveira (comunicação pessoal, 1999)
MT-PO-03 (Guató)	Superficial	AD 1999 (Guató) (OE)	J. E. de Oliveira (comunicação pessoal, 1999)
Rio Jauru/MT (Ceramista-Tradição Descalvado?)	Superficial	930 ± 100 (Fatec/Unesp-206)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista-Tradição Descalvado?)	0-10 cm	830 ± 90 AP (Fatec/Unesp-226) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista-Tradição Descalvado?)	0-10 cm	990 ± 100 AP (Fatec/Unesp-221) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista-Tradição Descalvado?)	10-20 cm	820 ± 90 AP (Fatec/Unesp-213) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)

Sítio e filiação tecnológica	Nível	Data(s) e Laboratório	Referência
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	10-20 cm	890 ± 90 AP (Fatec/Unesp-214) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	10-20 cm	940 ± 100 AP (Fatec/Unesp-210) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	10-20 cm	945 ± 110 AP (Fatec/Unesp-216) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	20-30 cm	810 ± 85 AP (Fatec/Unesp-227) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	20-30 cm	950 ± 100 AP (Fatec/Unesp-208) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	20-30 cm	995 ± 100 AP (Fatec/Unesp-220) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	20-30 cm	1.030 ± 100 AP (Fatec/Unesp-225) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	20-30 cm	1.140 ± 110 AP (Fatec/Unesp-212) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	20-30 cm	1.350 ± 140 AP (Fatec/Unesp-223) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	30-40 cm	1.000 ± 110 AP (Fatec/Unesp-207) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	30-40 cm	1.035 ± 100 AP (Fatec/Unesp-215) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	30-40 cm	1.500 ± 150 (Fatec/Unesp-218) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	30-40 cm	1.520 ± 160 (Fatec/Unesp-222) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	40-50 cm	1.300 ± 125 AP (Fatec/Unesp-211) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	40-50 cm	1.340 ± 140 AP (Fatec/Unesp-224) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	40-50 cm	1.350 ± 130 AP (Fatec/Unesp-219) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	40-50 cm	1.400 ± 150 AP (Fatec/Unesp-217) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Jauru/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	70-80 cm	2.300 ± 300 AP (Fatec/Unesp-209) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Rio Piraputanga/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	40 cm	760 ± 80 AP (Fatec/Unesp-229) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)
Córrego Água Doce/MT (Ceramista–Tradição Descalvado?)	40 cm	1.450 ± 150 AP (Fatec/Unesp-234) (TL)	Martins e Kashimoto (1999c)

Nota: (CV) datação radiocarbônica convencional; (A/C13) datação radiocarbônica ajustada por C13; (OE) observação etnográfica feita por J. E. de Oliveira; (TL) datação por termoluminescência.

Obs.: todas as datas radiocarbônicas (C14) foram obtidas a partir de conchas de moluscos aquáticos coletadas em contextos arqueológicos. O sítio MT-PO-03 atualmente é o local de moradia de dois anciãos Guató, os irmãos José e Veridiano; a filiação da cerâmica deste sítio à Tradição Pantanal ainda é muito hipotética.

mento não foram identificados quaisquer tipos de anzóis, o que não implica afirmar que esses grupos os desconheciam.

No Pantanal, é possível ainda a existência de ocupações mais antigas em relação às do sítio MS-CP-22. Somente a intensificação das pesquisas arqueológicas poderá lançar luz sobre essa questão. De todo modo, é fato que o clima holocênico favoreceu um considerável aumento da vida aquática na América Tropical. Essa situação climática, dentro de um contexto de múltiplos fatores ambientais e socioculturais, tem sido levada em conta para contextualizar a ocorrência de sambaquis litorâneos e fluviais no Brasil, a exemplo dos que ocorrem no litoral sul e sudeste do país e na Amazônia. O mesmo vale para aterros existentes em outras regiões platinas: *cerritos* no Rio Grande do Sul e Uruguai; *conchales* e *montículos* na Argentina e Paraguai (ver Caggiano 1984, 1994; Mazz 1994, 1998; Schmitz et al. 1991; Susnik 1959).

Sobre as datas mais recentes, entre 4.500 e 2.700 AP, sabemos tratar-se de evidências de prováveis grupos pescadores-caçadores-coletores tardios, embora ainda mereçam ser melhor averiguadas através de escavações amplas e meticulosas (Tabela 3) (18). Interessante é que tanto as datas em torno de 8.200 AP (MS-CP-22) quanto as mais recentes, entre 4.500 e 2.700 AP, são válidas para sítios arqueológicos localizados em áreas protegidas das cheias periódicas (MS-CP-16 e MS-CP-32). Este pode ser um indício de que, sendo os primeiros a chegar à região, pescadores-caçadores-coletores inicialmente optaram por assentamentos centrais localizados em pontos mais protegidos das inundações anuais, próximos a áreas serranas. Ademais, a idéia simplista de que grupos aceramistas desconheciam ou não faziam uso de quaisquer tipos de cultivo, geralmente indicado pela produção de cerâmica, não invalida a hipótese da existência de complexas formas de manejo ambiental, incluindo a semidomesticação de plantas ou mesmo, em certas circunstâncias, de algum cultivo incipiente. A coleta de vegetais (frutos, raízes, sementes, etc.) e mel de abelhas também é

uma possibilidade que não pode ser descartada desde os primeiros momentos. Por outro lado, as datas publicadas sugerem que no decorrer de várias gerações, através da influência de fatores ecológicos e culturais (desenvolvimento de novas tecnologias, maior conhecimento dos ecossistemas regionais, mudanças ambientais, aumento demográfico, cisões grupais, conflitos interétnicos, etc.), os grupos passaram a ocupar áreas mais vulneráveis às enchentes anuais, bem como a apresentar maior complexidade em termos de organização social e, provavelmente, uma maior diversificação no sistema de abastecimento. Esta pode ser uma das explicações para a ocorrência de centenas de aterros nas sub-regiões de Abobral e Miranda, as quais são marcadas por ocupações ceramistas (ver Rogge e Schmitz 1992, 1994; Oliveira 1997a; Oliveira e Peixoto 1997; Schmitz et al. 1998).

Há ainda uma lacuna no que diz respeito às datas de C14 para o período acerâmico, pois entre 8.200 e 4.500 AP não foram obtidas quaisquer outras datações absolutas, o que não significa dizer que a região estivesse desocupada naquele espaço de tempo ou, não estando, que esses grupos aceramistas fossem os únicos pescadores-caçadores-coletores ali presentes. Essa situação também aponta para a necessidade da realização de um levantamento intensivo de diferentes tipos de sítios arqueológicos existentes em determinadas áreas do Pantanal. Sem dúvida alguma, o crescimento urbano de Corumbá e Ladário destruiu e vem destruindo vários sítios desse período mais antigo; a mesma avaliação é válida para as vizinhas cidades bolivianas de Puerto Quijarro e Puerto Suarez. Em parte esse hiato corresponde ao período do Optimum Climaticum que, por sua vez, pode ter desencadeado um significativo aumento da vida aquática na região, fato este que pode ter implementado ainda mais o sistema de subsistência através de uma maior oferta de peixes.

De momento, cabe explicar que os dados publicados, por serem escassos, ainda não possibilitam maiores inferências sobre o sistema social dos grupos pescadores-

18 Datas válidas para os sítios multicomponentais MS-CP-16 e MS-CP-32, onde há ocupações acerâmicas sobrepostas por cerâmicas da Tradição Pantanal.

caçadores-coletores aceramistas. Deduz-se, entretanto, que poderiam estar organizados em pequenas famílias, as quais, ao longo de várias gerações, teriam formado aterros com centenas de metros de extensão e mais de 1 m de espessura. No caso do sítio MS-CP-22, delimitar sua extensão é tarefa difícil diante da expansão da cidade de Ladário; um estabelecimento de ensino fundamental, ruas asfaltadas e casas foram construídos sobre o sítio.

No que diz respeito aos grupos ceramistas que ocuparam as áreas inundáveis da região, as pesquisas realizadas sugerem a possibilidade de continuidade, ao menos para os sítios unicomponenciais levantados na área abrangida pelo Projeto Corumbá, desde os grupos pescadores-caçadores-coletores aceramistas, sobretudo os mais tardios, até os grupos portadores da Tradição Pantanal. A data radiocarbônica mais antiga obtida para a Tradição Pantanal é de 2.160 ± 50 AP, válida para o sítio MS-CP-20, localizado em Corumbá, o que indica uma considerável antiguidade para grupos ceramistas na região (Tabela 4).

Do ponto de vista tecnológico, a Tradição Pantanal está caracterizada por vasilhas pequenas – com uma altura que raramente ultrapassa 30 cm – e formato de meia esfera, meia calota e, menos frequentemente, esférica e esférica com pescoço (*jarros* e *moringas*). Trata-se de um vasilhame de uso doméstico, utilitário, destinado a preparar, servir e armazenar alimentos sólidos e líquidos; sua manufatura é acordelada e o antiplástico constituído predominantemente por caco moído, muitas vezes associado a areia e a algum mineral e, menos frequentemente, com a presença de concha triturada (cf. Rogge e Schmitz 1992, 1994; Oliveira 1996; Schmitz et al. 1998). Foram encontrados ainda cachimbos tubulares, rodela de fuso e outros artefatos cerâmicos; os dois primeiros indicam, respectivamente, o uso de fumo e algodão e sugerem o domínio de técnicas de cultivo. Uma das principais características dessa tradição, em relação a outras que ocorrem na América do Sul, é a considerável variação existente nos tipos de decoração

plástica, em especial na dos corrugados, ainda que a maior parte dos cacos apresente uma decoração alisada. Estudos recentemente realizados sobre o sítio MS-CP-142, também localizado em Corumbá, indicam uma quantidade significativa de fragmentos com engobo vermelho; este era um dado até então pouco conhecido, pois geralmente os cacos coletados estão cobertos por uma fina película de carbonato de cálcio oriunda da decomposição de conchas de moluscos e ossos de peixes (Oliveira 1998).

Muitos sítios interpretados como aterros, em especial os existentes nas sub-regiões de Abobral e Miranda, estão sobre uma lente calcária provavelmente de origem natural, indício da existência de possíveis paleolagoas com águas bicarbonatadas nesses pontos. A fonte de carbonato de cálcio teriam sido os calcários do planalto de Bodoquena, drenados pelos afluentes do Rio Miranda (cf. Boggiani e Coimbra 1995; Boggiani et al. 1998). Há ainda sítios superficiais e unicomponenciais a céu aberto, a exemplo dos encontrados em margens lacustres, como é o caso das lagoas Jacadigo e Negra (MS-CP-27, MS-CP-28 e MS-CP-57), esta última situada em Ladário (19). Todavia, considerando a possibilidade de serem *agricultores* desde uns 2.200 anos atrás, seu sistema de subsistência também estaria estruturado na pesca, na caça e na coleta. De um modo geral, os sítios vinculados à Tradição Pantanal situam-se em áreas com uma altitude inferior a 100 m em relação ao nível do mar.

Dados etnográficos contidos em Oliveira (1996) têm sustentado a hipótese de que os aterros teriam sido ocupados por diferentes grupos étnicos que, a exemplo dos antigos Guató, possuíam grande mobilidade espacial e os ocupavam preferencialmente durante as cheias. Muitos aterros e outros assentamentos próximos a serranias e morros isolados poderiam servir, principalmente durante as grandes enchentes, de importantes estabelecimentos para a prática do cultivo de abóboras, milho, mandioca (*Manihot esculenta*), etc.; margens de rios, por sua vez, poderiam igualmente servir em tempos de seca. Essa idéia implica

19 Durante os trabalhos de campo do Projeto Corumbá, o levantamento arqueológico privilegiou, no caso das *terras baixas*, a localização de aterros através de aerofotogrametria e, em certas áreas, sensoriamento remoto. Nessas áreas, algumas variáveis ambientais são importantes para um levantamento arqueológico estruturado em modelos preditivos; são elas: *capões-de-mato*, *cordilheiras*, diques fluviais, diques lacustres, diques marginais, margens de ilhas lacustres e fluviais, margens fluviais, margens lacustres, encostas de morros isolados, paleodiques, planícies flúvio-lacustres, sopés de escarpas, terraços fluviais e demais áreas inundáveis próximas a serranias.

TABELA 4
PROJETOS DE PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO PANTANAL E ÁREAS ADJACENTES

Projeto	Período	Coordenação	Localização
Projeto Corumbá	1990-1997	P. I. Schmitz	Corumbá e Ladário (MS)
Diagnóstico de Avaliação do Impacto do Gasoduto Bolívia-Brasil ao Patrimônio Arqueológico de Mato Grosso do Sul: Trecho Corumbá-Terenos (km 0-350)	1993	J. E. de Oliveira J. L. dos S. Peixoto	Km 0-350 do Gasbol em MS (Trecho Corumbá-Terenos)
Programa para Preservação do Patrimônio Arqueológico Pantaneiro	1994	I. Wüst M. C. Migliácio	Alto Paraguai (Cáceres-MT)
Prospecção Arqueológica na Área a ser Diretamente Impactada pelo Gasoduto Bolívia-Brasil em Mato Grosso do Sul (km 0-350)	1997	J. E. de Oliveira J. L. dos S. Peixoto	Km 0-350 do Gasbol em MS (Trecho Corumbá-Terenos)
O Sítio Arqueológico Existente no km 29 do Gasoduto Bolívia-Brasil em Corumbá, MS	1998	J. E. de Oliveira	UTM 0435084 E e 7866431 N (Corumbá-MS)
Vitória Régia	1996*	J. L. dos S. Peixoto	Corumbá-MS
Arqueologia e Etnoarqueologia Guató	1996*	J. E. de Oliveira	Sul da Sub-região de Poconé (Poconé-MT)
Ocupação Pré-colonial do Pantanal Mato-grossense-Cáceres-Taiaimã	1997*	I. Wüst (até 03/1999) M. C. Migliácio (a partir de 03/1999)	Cáceres-MT
Levantamento Arqueológico na Área Impactada pelo Gasoduto Bolívia-Mato Grosso (Trecho Brasileiro)	1999	G. R. Martins E. M. Kashimoto	Mato Grosso
Salvamento Arqueológico na Área Impactada pelo Gasoduto Bolívia-Mato Grosso (Trecho Brasileiro)	1999*	G. R. Martins E. M. Kashimoto	Mato Grosso

Nota: (*) em andamento.

um modelo de sistema de assentamentos baseado na dinâmica das águas do Pantanal, embora não deva ser interpretado de maneira rígida; exceções devem ter ocorrido. Também é equivocado pensar que todos os aterros de uma mesma região poderiam estar sendo ocupados concomitantemente; se assim fosse, estatísticas demográficas seriam facilmente realizadas.

Embora tenham sido encontrados sepulcros humanos em aterros, esta informação não significa, em princípio e salvo melhor avaliação, que tais elevações foram

construídas para fins funerários. Isso porque na América do Sul, a exemplo da região da Lagoa Mirim, Uruguai, aterros funerários geralmente têm sido interpretados como indicadores de complexidade emergente entre os grupos responsáveis pela sua construção, temática esta ainda não investigada para a região pantaneira (ver Mazz 1994, 1998). Não se pode descartar ainda a possibilidade de os grupos portadores da Tradição Pantanal terem manejado espécies florísticas em aterros, a exemplo da palmeira acuri (*Scheelea phalerata*), prin-

principalmente através da transplantação de mudas de várias espécies florísticas para fins de subsistência, matéria-prima para a confecção de artefatos e outras finalidades (ver Oliveira 1996; Schmidt 1914, 1951). Nesse caso, os aterros seriam verdadeiros *quintais*, locais onde várias experiências de semidomesticação de plantas foram realizadas, sobretudo em um espaço de tempo de mais de dois milênios de ocupação, abandono e reocupação.

O exemplo da organização social Guató, estruturada em famílias nucleares e, aparentemente, em um sistema de patrilocidade, no qual a reciprocidade é de fundamental importância, tem sido apontado por Oliveira (1994, 1996) como uma possibilidade para a compreensão do sistema social dos grupos portadores da Tradição Pantanal. Evidentemente o Guató atual não é um exemplo etnográfico fossilizado; porém, é fato que o grupo está no Pantanal há mais de 500 anos, talvez sendo o último remanescente dos grupos portadores da Tradição Pantanal. Portanto, determinados elementos de seu modo de vida tradicional são resultado de um processo de *longuíssima duração*; saber quais desses elementos permaneceram e se transformaram desde o passado arqueológico é um dos desafios que pesam àqueles que estudam a pré-história das *terras baixas* pantaneiras. Isso posto, somente com intensificação de pesquisas arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas esta problemática poderá ser melhor compreendida.

Cabe ainda ressaltar que muitos dos sítios da Tradição Pantanal devem estar em antigos meandros de rios como o Paraguai, os quais ainda não foram levantados e são de difícil acesso. Essa hipótese é justificada pela variação plurianual de períodos muito chuvosos ou relativamente secos que, em teoria, normalmente parecem durar cerca de duas décadas. A variação plurianual certamente afetou a dinâmica da ocupação indígena da região, sobremaneira os assentamentos localizados nas margens de pequenos rios. Esse é o caso dos assentamentos Guató localizados às margens do Rio Caracará, sub-região de Poconé, em Mato

Grosso, os quais eram utilizados preferencialmente durante a seca, pois até antes da grande cheia de 1974 raramente permaneciam inundados. Ainda hoje em dia, populações tradicionais do Pantanal, como os *mimoseanos*, que também possuem ascendência indígena, vivem no ritmo das águas do Pantanal, conforme estudos realizados por Silva e Silva (1995).

Pesquisas recentes, em andamento na sub-região de Poconé e nas grandes lagoas situadas acima de Corumbá, ainda não foram concluídas (Tabela 4). Todavia, indicam a ocorrência de dezenas de outros sítios cerâmicos também relacionados a cursos d'água perenes. Ainda não se sabe ao certo se esses sítios foram ocupados por grupos portadores da Tradição Pantanal, embora esta seja uma possibilidade. Nessas áreas parece haver uma nítida diminuição de fragmentos corrugados, o que pode ser explicado pela existência de outras realidades socioculturais. Na porção pantaneira pertencente à República do Paraguai, Departamento de Alto Paraguay, mais precisamente na Baía Negra, Susnik (1959) encontrou um grande aterro com grande quantidade de material cerâmico e variação nos corrugados. Esse dado possibilita pensar que ao menos a região compreendida de Corumbá até a porção meridional do Pantanal também tenha sido uma área densamente ocupada pelos portadores daquela tradição. Com efeito, a planície de inundação estaria sendo, para a maioria dos casos, a principal área de captação de recursos, embora as áreas serranas e demais morros isolados também fossem relevantes, por exemplo, para a obtenção de matéria-prima para indústria lítica (basalto, calcário, hematita, quartzo, etc.).

A questão é que os dados sugerem que a cerâmica da Tradição Pantanal teria sido compartilhada por vários grupos étnicos adaptados aos ecossistemas existentes nas *terras baixas*. Essa tecnologia teria sido, portanto, indicador de um elemento de identidade entre vários grupos e, inclusive, de uma territorialidade; esta última questão também inclui complexas relações intra e extragrupoais, inclusive fundamentadas em

redes de reciprocidade, com o intuito de, dentre outras coisas, fortalecer os mecanismos de defesa contra outros grupos, como é o caso dos agricultores das *terras altas* que, posteriormente, estabeleceram-se na região. Essa situação é notada, por exemplo, em vários relatos produzidos pelos conquistadores ibéricos do século XVI (ver Carvalho 1992; Susnik 1961, 1972, 1978). Dados etnográficos sobre o modo de vida de grupos conhecidos historicamente ainda possibilitam dizer que a produção de recipientes cerâmicos seria uma atividade exclusivamente feminina, embora cachimbos também fossem confeccionados por homens. No caso dos Guatós, a fabricação do vasilhame dava-se preferencialmente fora das habitações (cf. Oliveira 1996).

Há ainda uma questão pouco conhecida: a origem e a área de ocorrência da cerâmica da Tradição Pantanal. Até o presente momento quase nada se sabe sobre o assunto. Nesse sentido, quaisquer interpretações que não estejam fortemente baseadas em dados arqueológicos tornam-se cientificamente insustentáveis, sobretudo modelos difusionistas e representações etnográficas. Entretanto, os dados arqueológicos apresentados em vários trabalhos, dentre os quais Caggiano (1984, 1994), González (1996a, 1996b), Herberts (1998), Miranda et al. (1967), Olmedo (1966), Stern (1941, 1944), Susnik (1994, 1995, 1996, 1998), Willey (1971) e Wüst (1983a, 1990), remetem a uma questão interessante: somente a intensificação das pesquisas arqueológicas no Pantanal e em outras regiões platinas, sobretudo no Chaco, poderá lançar luz a este problema.

No tocante a aspectos sociais e ideológicos, apesar dos poucos dados existentes, é oportuno mencionar a existência de informações a respeito de sepultamentos humanos em sítios uni e multicomponentiais localizados nas *terras baixas*. Nos sítios MS-CP-16, MS-CP-22, MS-CP-32, MS-CP-34 e MS-MA-16 foram encontrados sepultamentos primários e secundários; os primeiros ocorrem em diferentes posições de enterramento, sendo mais comuns no período acerâmico, ao passo que os se-

gundos parecem ser mais frequentes no cerâmico. Esta situação é marcante no sítio MS-CP-32, situado sobre um dique fluvial à margem direita do Rio Verde, distrito de Albuquerque, em Corumbá; ali foram encontrados 21 indivíduos adultos, 5 jovens e 10 crianças em 32 m² de área escavada (Schmitz et al. 1998). Os sepultamentos sugerem *a priori* uma relação direta entre formas de enterramento e a dinâmica de ocupação de assentamentos sistemáticos nos períodos acerâmico e cerâmico. Os assentamentos centrais, localizados em margens de rios, aterros, diques fluviais, paleodiques e outros pontos da paisagem, parecem ter sido os locais escolhidos para enterrar os mortos. Isso pode significar que indivíduos falecidos durante o período das cheias – também momento de grande mobilidade espacial, complexa dinâmica de ocupação de assentamentos periféricos e contatos intragrupo – poderiam ser enterrados primariamente em assentamentos periféricos e, posteriormente, seus ossos levados para os estabelecimentos centrais. Por outro lado, indivíduos mortos nos próprios assentamentos centrais seriam enterrados nesses mesmos locais. Talvez esta possa ser uma das explicações para a ocorrência de sepultamentos primários e secundários em um mesmo sítio, como é o caso do MS-CP-16 e do MS-CP-32. Como no período acerâmico a mobilidade espacial e a densidade demográfica parecem ter sido menores em relação ao período dos grupos portadores da Tradição Pantanal, quiçá esta seja uma explicação inicial para o fato de muitos sepultamentos primários pertencerem àquele primeiro momento. Estas são apenas hipóteses a serem melhor averiguadas em pesquisas futuras. No caso dos aterros MS-CP-16 e daquele escavado por Susnik (1959), colares feitos de contas de conchas de moluscos aquáticos e de bivalves acompanhavam os mortos. Certamente o universo ideológico das sociedades das *terras baixas* foi mais complexo do que as idéias aqui apresentadas. Sobre as possíveis diferenciações sociais, essa questão também requer modernos estudos no campo da antropologia biológica, os quais não foram iniciados até o

presente momento.

Nas proximidades das cidades de Corumbá e Ladário, Girelli (1994, 1996) estudou cinco sítios com gravuras rupestres: MS-CP-01, MS-CP-02, MS-CP-03, MS-CP-04 e MS-CP-41. São lajedos horizontais onde foi produzida, através da técnica do picoteamento, grande quantidade de petroglifos ou inscrições rupestres. Passos (1975) estudou os sítios MS-CP-01, MS-CP-03 e um outro que ocorre no lado boliviano, sem contudo apresentar quaisquer contribuições para sua compreensão.

Nas sub-regiões do Paraguai e Poconé, Schmidt (1912, 1914, 1928, 1940a, 1940b, 1942a, 1942b) registrou outros sítios com petroglifos semelhantes em relação aos que ocorrem em Corumbá e Ladário. Merecem destaque as gravuras e, sobretudo, as pinturas rupestres nas cores branca e vermelha encontradas no morro do Caracará (MT-PO-03). Na encosta norte desse morro isolado há um sítio cerâmico a céu aberto que talvez corresponda a antigos grupos canoieiros portadores da Tradição Pantanal; atualmente ali vivem dois anciãos Guató, os irmãos José e Veridiano. Estranhamente, os trabalhos de Max Schmidt – o pioneiro em pesquisas arqueológicas no Pantanal – não foram discutidos por Girelli (1994, 1996) e sequer citados por Rogge e Schmitz (1992, 1994), Schmitz (1993, 1997, 1998, 1999) e Schmitz et al. (1997b, 1998). De um modo geral, tanto os petroglifos como as pinturas rupestres parecem estar fortemente associados a grupos canoieiros portadores da Tradição Pantanal; no morro do Caracará e na Lagoa Gaíva essa questão está mais clara. Quanto aos motivos dos signos gravados, predominam os geométricos seguidos por sulcos sinuosos; em menor quantidade ocorrem figuras que lembram pegadas humanas e de animais. Arte semelhante ocorre no alto Araguaia e lá faz parte do Complexo Estilístico Simbolista Geométrico Horizontal; embora para o Pantanal esta filiação seja impertinente se levado em conta o contexto arqueológico de ambas as regiões. Pensar em Estilo Alto Paraguai, também em reconhecimento e homenagem aos primeiros estudos realiza-

dos por Max Schmidt, é mais pertinente do ponto de vista científico.

O significado desses signos é algo difícil de decifrar. Girelli (1994) sugere que os petroglifos estudados no âmbito do Projeto Corumbá representam a fisiografia da planície de inundação. Verdade é que não foram produzidos ao acaso; a demarcação de territórios é uma outra possibilidade interpretativa, bem como o uso desses locais para cerimônias e rituais, os quais talvez nunca saberemos decodificar.

Os povos das “terras altas”

Às *terras altas* pertencem os planaltos residuais de Urucum e Amolar e as demais porções serranas e morros isolados existentes no Pantanal; estão protegidas das cheias periódicas e possuem grandes espaços favoráveis ao cultivo. Ao que tudo indica, a ocupação indígena dessas áreas aconteceu mais tardiamente em comparação ao povoamento das *terras baixas*. Essa constatação, todavia, deve ser vista com cautela, pois as prospecções realizadas em Corumbá e Ladário privilegiaram a planície de inundação, mais precisamente os aterros. Soma-se a essa situação o completo desconhecimento da pré-história do planalto residual de Amolar.

Durante a execução do Projeto Corumbá, nenhuma escavação foi realizada em áreas de morrarias; praticamente a totalidade dos sítios levantados é composta de locais perturbados por ações antrópicas recentes e relacionadas ao uso do solo para atividades agropecuárias. Nenhum abrigo sob rocha, por exemplo, foi levantado até o presente momento, embora esta seja uma possibilidade a ser considerada em futuros projetos de pesquisa. Isso tudo também denuncia o uso de prospecções tendenciosas nas *terras altas*.

Para o planalto residual de Urucum, em Corumbá, os dados disponíveis comprovam que a região foi ocupada por vários grupos agricultores e ceramistas, dentre os quais merecem destaque os portadores da Tradição Tupiguarani. Documentos textu-

ais quinhentistas e seiscentistas possibilitam afirmar, para o caso do Pantanal, que essa tradição tecnológica ceramista está diretamente associada a grupos lingüisticamente Guarani: agricultores de origem amazônica e, segundo Soares (1997), socialmente organizados em cacicados (20). No planalto residual de Urucum, Peixoto (1995) estudou vários sítios Guarani: MS-CP-12, MS-CP-13, MS-CP-43 e outros. Diferentemente dos grupos portadores da Tradição Pantanal, os Guarani estabeleceram-se em locais protegidos das cheias anuais, preferencialmente nas encostas e em patamares baixos e altos de morrarias. Muitos sítios estão a poucos metros de nascentes de córregos perenes, em áreas onde existem solos favoráveis ao cultivo como o *brunizém avermelhado*. Grande parte dos assentamentos está localizada em áreas onde a altitude propicia um clima mais ameno em relação ao das *terras baixas*; cabe mencionar que o morro de Urucum possui uma cota altimétrica de 971 m. Destarte, a implantação dos sítios Guarani na paisagem regional, além de indicar uma forma de adaptação à realidade geográfica pantaneira, releva uma estratégia de defesa em relação, por exemplo, aos grupos das *terras baixas*, os portadores da Tradição Pantanal. A chegada de grupos Guarani causou uma situação de pressão e cisões entre eles e os grupos das *terras baixas*; essa situação agravou-se ainda mais com o início da Conquista Ibérica, ocasião em que muitos Guarani aliaram-se aos espanhóis.

A tecnologia cerâmica desses grupos assemelha-se à encontrada em várias outras regiões da América Tropical, sobretudo à que ocorre no Sul do Brasil (ver Brochado 1984; La Salvia e Brochado 1989; Noelli 1993; Soares 1997). Diversos tipos de artefatos líticos – como percutores, lâminas de machado, mãos-de-pilão, raspadores e talhadores, produzidos a partir de diferentes tipos de minerais e rochas (arenito, hematita, quartzo, etc.) – foram encontrados em contextos arqueológicos. Segundo Peixoto (1995), há sítios multicomponenciais que atestam contatos extragrupoais entre os Guarani e grupos portado-

res da Tradição Pantanal: MS-CP-13, MS-CP-42 e MS-CP-44. Todavia, como esses sítios estavam perturbados, também é possível que as cerâmicas correspondam a momentos distintos e que tenham sido misturadas posteriormente. Mantendo ou não contato com os grupos das *terras baixas*, o fato é que os Guarani continuaram mantendo sua identidade social como, aliás, fizeram em outras regiões do Centro-Oeste brasileiro; essa situação também é percebida pela reprodução de seu modo de vida tradicional. A profundidade dos depósitos arqueológicos e o tamanho dos sítios sugerem a existência de pequenas aldeias, com uma única casa comunal, que talvez tenham permanecido em determinado local pelo período de uma ou duas gerações.

Está suficientemente claro que grupos Guarani se estabeleceram na região desde antes do início da Conquista, talvez a partir do século X da Era Cristã. Não se sabe, contudo, quando eles ali chegaram. Nos sítios estudados por Peixoto (1995) não foram encontrados elementos tecnológicos europeus ou ibero-americanos, o que não exclui a possibilidade de alguns deles corresponderem ao período colonial, momento em que ocorreram contatos diretos ou indiretos entre populações Guarani e européias. Deslocamentos territoriais, por exemplo, ocorreram desde o início da Conquista Ibérica, principalmente do litoral atlântico para o interior do continente sul-americano, causando impactos de grande magnitude sobre centenas de grupos étnicos; o mesmo ocorreu a partir da fundação de povoados espanhóis na região platina – Assunção, atual capital do Paraguai, data de 1537.

Na carta ânua escrita pelo padre jesuíta Diogo Ferrer (1952), datada de 1633, há a confirmação da presença de índios Guarani, chamados de Ibitiguara ou “gente da serra”, que viviam em grandes aldeias e mantinham relações de trocas com os Chiriguano e Itatim, ambos também Guarani. Provavelmente os Ibitiguara foram um dos últimos grupos Guarani das áreas serranas do Pantanal. Relatos quinhentistas indicam a presença de índios Guarani no

20 A tese dos cacicados, defendida por Soares (1997), está baseada em uma gama considerável de dados etnográficos, mas não está suficientemente esclarecida para o passado pré-histórico dos Guarani.

planalto residual de Amolar, embora a área ainda seja desconhecida em termos arqueológicos. Além disso, nas bordas do Pantanal, especialmente no vale dos rios Miranda e Aquidauana, documentos textuais dos séculos XVI e XVII também comprovam a presença de grupos Guarani. Com efeito, é provável que no Pantanal as últimas ocupações Guarani sejam de fins do século XVII ou início do XVIII, momento em que os bandeirantes paulistas descobriram ouro no Rio Coxipó, em Cuiabá, e promoveram a extinção, cisões extragrúpicas e o deslocamento de vários povos indígenas que estavam estabelecidos na região.

Isso posto, é iminente a necessidade de retomada dos estudos sobre os grupos Guarani que ocuparam as *terras altas*, realizando escavações arqueológicas e investigações etnológicas em documentos textuais. Com isso será possível conhecer melhor a pré-história e a história indígena da região.

Nas encostas de morrarias do planalto residual de Urucum foram encontrados outros tipos de sítios, também *rasos* e pequenos como os dos agricultores Guarani, cuja cerâmica é notadamente diferente da Tradição Tupiguarani e, em menor grau, da Tradição Pantanal.

Um dos casos mais marcantes é o do sítio MS-CP-25, situado na encosta da morraria de Santa Cruz, em Corumbá, próximo a um córrego perene: 13,38% dos 934 cacos analisados por Rogge e Schmitz (1994) apresentam impressão de corda, embora a forma e o tamanho do vasilhame sejam parecidos com os da Tradição Pantanal. Sabe-se que a cerâmica com impressão de corda é característica de grupos chaquenhos conhecidos historicamente, como os antigos Mbayá-Guaicuru estudados por Herberts (1998), a qual Willey (1971:458) chamou de Tradição Chaquenha.

Há ainda outros sítios com tecnologia cerâmica semelhante, como o MS-CP-26 e o MS-CP-47, também localizados próximo a córregos permanentes e não muito distantes da Lagoa Negra, em Ladário. Neste último caso, a cerâmica também assemelha-se à dos grupos portadores da Tradição Pantanal; o que basicamente a distingue é

uma altíssima quantidade de fragmentos com engobo vermelho.

Caso a cerâmica dos sítios MS-CP-25, MS-CP-26 e MS-CP-47 seja tecnologicamente filiada à Tradição Pantanal, tem-se aí um outro tipo de padrão de implantação dos sítios na paisagem e, muito provavelmente, de diferentes formas de adaptação e organização social em comparação aos grupos que ocuparam as *terras baixas* propriamente ditas.

Cabe mencionar ainda que dados etno-históricos – segundo visãoêmica Bororo – contidos em Wüst (1990) sugerem a presença de grupos Bororo nas *terras altas* de Corumbá e Ladário. No entanto, esta informação ainda não está comprovada por pesquisas arqueológicas.

Dentre os muitos problemas relativos ao conhecimento da pré-história das *terras altas* pantaneiras, um dos mais fascinantes refere-se à ocupação indígena dos barrancos altos ou terraços fluviais existentes às margens do alto curso setentrional do Rio Paraguai, sub-região de Cáceres, Mato Grosso, também locais protegidos das cheias periódicas e propícios ao cultivo. Ainda que aquela região não faça parte do que geográfica e didaticamente chamamos de *terras altas*, merece ser tratada neste tópico. Trata-se da presença de grupos ceramistas e agricultores de *grandes aldeias* a céu aberto, cuja tecnologia cerâmica foi recente e adequadamente denominada por Irmhild Wüst de Tradição Descalvado (Wüst e Migliácio 1994; Wüst 1999). Brochado (1984), Prous (1992) e Oliveira (1995) chegaram a pensar na possibilidade dessa cerâmica pertencer à Tradição Aratu (ou Aratu-Sapucai), embora essa idéia tenha sido atualmente descartada pelo último autor.

Os primeiros estudos sobre os grupos portadores da Tradição Descalvado foram realizados entre 1926 e 1928 por Schmidt (1940a); suas investigações aconteceram nas antigas fazendas Barranco Vermelho, Fação e Passagem Velha. No entanto, os estudos de Petruccio (1932), realizados alguns anos depois, em 1931, nas localidades de Barranco Vermelho e Descalvado, fornecem dados mais refinados para o conhecimento

de uma pequeníssima parte da pré-história daquela região. Todavia, desde o final do século passado têm-se informações sobre a existência de alguns desses sítios (ver Oliveira 1995; Wüst e Migliácio 1994).

É importante registrar que os sítios da Tradição Descalvado vêm sendo constantemente depredados por pseudo-arqueólogos em busca de *enterros*, novas descobertas “científicas” ou simplesmente *lembranças* do Pantanal; o alvo principal tem sido as grandes urnas funerárias (21). Há ainda muito material em museus nacionais e estrangeiros: Fundação de Cultura e Turismo do Estado de Mato Grosso (Cuiabá), Instituto Luiz de Albuquerque (Corumbá), Museu Dom Bosco (Campo Grande), Museu Histórico de Cáceres, Museu Rondon (Cuiabá), Museum für Völkerkunde (Berlim), Museum de Leipzig (Alemanha), UFMS – *campus* de Corumbá – e talvez no Museo de La Plata (Argentina) e no Museu Nacional (Rio de Janeiro), bem como em outras instituições.

Os estudos realizados por Petrullo (1932), Schmidt (1940a) e Wüst e Migliácio (1994) possibilitam afirmar, ao menos para os sítios Barranco Vermelho (MT-PO-14) e Descalvado (MT-PO-01), que os grupos portadores da Tradição Descalvado possuíam um sistema de abastecimento que indubitavelmente incluía espécies domesticadas e semidomesticadas. Conforme explicam Wüst e Migliácio (1994), esses dois sítios devem ser mais recentes que os aterros existentes nas áreas inundáveis daquela porção do Pantanal (sub-regiões do Paraguai e Poconé). O tamanho dos sítios, com milhares de metros de extensão, e a grande quantidade de urnas funerárias também sugerem uma considerável densidade demográfica e uma interessante complexidade sociopolítica.

No sítio Barranco Vermelho, Petrullo (1932) encontrou muitos sepultamentos infantis, alguns dos quais estavam acompanhados de conchas de gastrópodes aquáticos, vasilhas cerâmicas e adornos feitos de dentes de macacos. Neste mesmo local, Schmidt (1940a) encontrou uma grande urna funerária; juntamente com um esque-

leto humano havia um cachimbo e uma ocarina com incisões geométricas, ambos de cerâmica. Maria Clara Migliácio encontrou três esqueletos (um masculino, um feminino e um outro de criança) em uma urna no sítio Índio Grande; isto parece indicar a prática de sepultamentos secundários. Wüst e Migliácio (1994) explicam que ainda não é possível dizer se existiam sítios cemitérios exclusivos ou locais específicos para enterramentos nos sítios habitados; também concluíram uma análise prévia de alguns esqueletos existentes na sede do Iphan, em Cuiabá, que revelou tratar-se de uma população dolicoocrânea de estatura relativamente alta. Mais: “Os dentes apresentavam um forte desgaste com elevado índice de cárie sobre a coroa dentária (fenômenos geralmente não associados). Isto parece indicar um elevado consumo de carboidrato, bem como de alimentos fortemente abrasivos” (Wüst e Migliácio 1994: 55-6). Diversos tipos de artefatos líticos também foram encontrados: lâminas de machado polidas (com e sem garganta), lâminas de machado lascadas em calcário, quebra-cocos, pingentes, tembetás, instrumentos para cortar e raspar sobre lascas de sílex e arenito silicificado e outros.

Oliveira (1995) analisou algumas peças cerâmicas depositadas no Museu Rondon, oriundas do sítio Barranco Vermelho, cujo resultado, acrescido dos dados obtidos por Petrullo (1932), Schmidt (1940a) e Wüst e Migliácio (1994), permite uma frágil aproximação da tecnologia cerâmica da Tradição Descalvado: vasilhame produzido pela técnica da sobreposição de roletes; existência de recipientes com formas e tamanhos variados (jarros, panelas, potes, tigelas e urnas); engobo vermelho como uma das decorações predominantes; produção de cachimbos tubulares, ocarinas e rodela de fuso; antiplástico composto predominantemente por caco moído, minerais e concha triturada.

Recentemente, Martins e Kashimoto (1999b, 1999c) iniciaram trabalhos de levantamento e resgate de sítios arqueológicos existentes na área de impacto direto do Gasoduto Bolívia-Mato Grosso – não con-

21 *Enterros* são representações do imaginário coletivo popular sobre possíveis tesouros da época da Guerra do Paraguai (1864-70). Sobre alguns problemas referentes à preservação do patrimônio arqueológico pantaneiro, ver Oliveira (1997d).

fundir com o Gasoduto Bolívia-Brasil – e encontraram sítios de grupos ceramistas que, em princípio, parecem pertencer tecnologicamente à Tradição Descalvado. Suas pesquisas abrangem os municípios mato-grossenses de Cáceres, Poconé, Nossa Senhora do Livramento, Várzea Grande e Cuiabá; os dois primeiros estão situados na parte setentrional do Pantanal e os demais em áreas adjacentes. A área de pesquisa abrange quatro rios principais, a saber: Jauru, Padre Inácio, Paraguai e Cuiabá. Em três sítios de ocupações ceramistas, os autores obtiveram 24 datações por termoluminescência: 22 datas para o sítio Rio Jauru, situadas entre 810 ± 85 AP e 2.300 ± 300 ; uma para o sítio Rio Piraputanga, de 760 ± 80 AP; e outra para o sítio Córrego Água Doce, de 1.450 ± 150 AP (Tabela 3) (22).

As datas apresentadas por Martins e Kashimoto (1999b, 1999c), ainda que mereçam ser comparadas com datações radiocarbônicas, chamam a atenção para uma possível longa permanência dos grupos portadores da Tradição Descalvado: no sítio Rio Jauru as datas recentes situam-se a poucos séculos antes do início da Conquista Ibérica e as mais antigas ao redor do início da Era Cristã. Trata-se, portanto, de grupos que parecem possuir uma antiguidade na região equivalente à dos portadores da Tradição Pantanal. Com a conclusão dessas pesquisas, será possível melhor compreender a pré-história de áreas pantaneiras até então pouco conhecidas do ponto de vista arqueológico.

Mas quem foram os grupos da Tradição Descalvado? Certamente não eram Bororo, Guaicuru, Guarani ou Guató. Documentos textuais do período colonial indicam que parte da área setentrional do alto Paraguai também esteve ocupada pelos índios Xaray, provavelmente Arawak, exterminados pelos bandeirantes paulistas na primeira metade do século XVIII (23). Analogias à parte, em recente trabalho Schuch (1995) esclarece que os antigos Xaray eram agricultores que faziam duas colheitas por ano (milho, mandioca, batatas, amendoim e outros), tinham animais de estimação e man-

tinham relações extragrupoais com vários outros povos, inclusive andinos. Os dados apresentados por Schuch (1995) e Susnik (1978) levam a pensar que os Xaray possuíam uma complexa forma de organização sociopolítica que lembra a dos antigos Chiquito, Paresi e Mojo-Arawak. Teria sido uma sociedade de chefatura?

Face ao exposto, é urgente a necessidade de realizar pesquisas arqueológicas e etno-históricas exaustivas sobre a presença indígena na porção setentrional do Alto Paraguai. Muitos são os problemas, mas somente em fins dos anos 90 iniciaram-se estudos que, quando concluídos, possibilitarão interpretações cientificamente seguras.

De todo modo, tanto as *terras altas* quanto as *terras baixas* podem ser consideradas como um verdadeiro mosaico cultural, isto é, um espaço onde diversos e diferentes povos indígenas habitaram ao longo de dezenas, às vezes centenas, de gerações. Quando os conquistadores ibéricos ali chegaram, a partir de 1524, depararam-se com dezenas de povos indígenas, muitos dos quais pertencentes a famílias lingüísticas distintas. Grande parte desses povos foi completamente dizimada. Os que conseguiram sobreviver, alguns atualmente fora da região pantaneira, continuam resistindo a um processo de conquista sem fim; são eles: Bororo, Chamacoco, Guató, Kadiwéu (remanescente dos antigos Mbayá-Guaicuru) e Terena (incluindo descendentes dos antigos Kinikinao e Laiana) (Tabela 5). Acrescentam-se ainda a esta relação representantes da etnia Camba, originários da Bolívia, que atualmente vivem na periferia da cidade de Corumbá, prova de que as atuais fronteiras político-territoriais platinas nem sempre foram as fronteiras territoriais para muitas populações indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a arqueologia no Centro-Oeste ainda carecer de maiores dados qualitativos e quantitativos, bem como da revisão e retomada de várias temáticas, atualmente é possível explorar o cerne de questões im-

22 Datações por termoluminescência possuem a vantagem de também poder datar material cerâmico, embora sejam menos precisas que as datações radiocarbônicas (Renfrew e Bahn 1998).

23 Em documentos produzidos por conquistadores espanhóis do século XVI, os Xaray são grafados como *Xarayes* ou *Jarayes*, provavelmente um apelativo Guarani: "bárbaros do rio" (*chara* = despenhado, rude, "lanudo" [de *lã*] e *y* = água, rio).

TABELA 5

ALGUNS POVOS INDÍGENAS IDENTIFICADOS NO PANTANAL A PARTIR DO SÉCULO XVI

Filiação Lingüística	Grupos Étnicos	Provável área de ocupação
Família Lingüística Arawak	Echoaladi, Kinikinao, Laiana (Chané e Guaná), Orejone*, Terena e Xaray*	Parte do Rio Apa e áreas próximas até talvez as sub-regiões de Cáceres, Poconé e Paraguai.
Família Lingüística Guaicuru	Guaxarapo*, Mbayá-Guaycurue Payaguá	Dos limites do Pantanal com o Chaco até talvez Miranda, porções das sub-regiões de Abobral, Paiaguás, Nabileque, Nhecolândia e Paraguai.
Família Lingüística Tupi-Guarani	Ibitiguara, Itatim e Guarambarenses*	Rios Ypané, Apa, Miranda e talvez os planaltos residuais de Urucum e Amolar.
Família Lingüística Jê	Bororo e Kaingang*	O primeiro especialmente nas sub-regiões de Barão de Melgaço, Cáceres, Paraguai e Poconé. O segundo das terras ao norte do Rio Apa até a zona dos Caiapó (?).
Família Lingüística Zamuco	Chamacoco e Yshyr (Xorshio/Caitporade)	Áreas próximas à Baía Negra, na República do Paraguai.
Tronco Lingüístico Macro-Jê	Guató	Grande parte do Alto Paraguai, antigo rio São Lourenço, rio Caracará, Ilha Ínsua e lagoas Gaíva e Uberaba.
Família Lingüística Camba	Camba	Originários da Bolívia, muitos representantes vivem atualmente na periferia da cidade de Corumbá.

Nota: (*) informação pouco confiável. Fonte: Susnik (1961, 1978); Oliveira (1997a).

portantes que têm direcionado muitas pesquisas no âmbito regional. Pode-se afirmar, por exemplo, que a dinâmica das sociedades pré-cabralinas que ali se estabeleceram não está limitada unicamente à questão da adaptabilidade ecológica; também é resultado de um processo longo e contínuo de integração e contatos inter e extragrúpicos, os quais também tiveram uma influência decisiva em seus transcurso culturais.

Também não é mais possível conceber as sociedades pré-coloniais como grupos seminômades, *marginais* e desprovidos de qualquer forma de organização social. Esse tipo de interpretação parece ser uma representação, à brasileira, de posturas etnocêntricas, supostamente fundamentadas em concepções histórico-culturais e ecológico-culturais. Há casos em que essa idéia foi concebida para áreas onde o contato com populações não-indígenas já havia promovido mudanças culturais significativas,

drásticas reduções demográficas, dispersão de aldeias e perda de territórios. Isso não significa, todavia, negar a tese de que em arqueologia as interpretações teóricas são construídas a partir de modelos etnográficos, pois os povos indígenas conhecidos historicamente, embora não sejam meros *fósseis-guias* do passado pré-histórico, resultam de um complexo processo histórico e cultural de *longa* ou *longuíssima duração*. O que importa agora é deixar de lado formas simplistas de analogias entre o *passado arqueológico* e o chamado *presente etnográfico*. Intensificar as investigações arqueológicas, etnoarqueológicas, etno-históricas e etnográficas, a partir de refinados aparatos teórico-metodológicos, é uma das tarefas que pesam aos pesquisadores interessados em compreender o extraordinário e complexo universo que é o transcurso dos povos indígenas nesta parte do atual território brasileiro.

Há de se registrar ainda que o Centro-Oeste não se limita unicamente à idéia de *Brasil Central*; isso pode sugerir que problemas relativos à pré-história da região estejam limitados à arqueologia do antigo estado de Goiás e do atual Mato Grosso, isto é, que sejam restritos às atuais fronteiras do Brasil. Outras grandes áreas ecológicas, como o Pantanal, também precisam ser pensadas dentro de um contexto sul-americano maior. De todo modo, parte considerável do Centro-Oeste realmente parece ter sido uma área de confluência, região para onde grupos ceramistas de regiões distintas se teriam deslocado, conforme apontam estudos mais recentes.

Dados diversos, incluindo datações radiocarbônicas, demonstram que as várias sociedades ceramistas pré-coloniais, portadoras de distintas tradições tecnológicas, estiveram presentes em grande parte do Centro-Oeste até tempos coloniais. No caso do Pantanal, pode-se dizer o mesmo dos grupos portadores das tradições Descalvado, Pantanal e Tupiguarani. Mas, se houve ou não uma continuidade entre esses grupos e os antigos caçadores-coletores e pescadores-caçadores-coletores, é questão que ainda não está suficientemente resolvida. No caso dos grupos ceramistas, provavelmente os contatos diretos e indiretos mais recentes com povos de além-mar foram decisivos no sentido de reforçar uma série de transformações, alterando a própria dinâmica sociocultural então existente e levando muitos grupos a fissões, também representadas pela presença de sítios pequenos.

Embora os índios sejam agentes de seu próprio processo histórico e cultural,

indubitavelmente a conquista e a colonização ibéricas e ibero-americanas no interior do continente sul-americano causaram, e ainda vêm causando, etnocídios, transculturações, deslocamentos territoriais, reterritorializações e assimilações de dezenas de povos indígenas no Centro-Oeste. Isso se deu por múltiplos fatores: escravidão, extrativismo vegetal, guerras de extermínio, mineração, formação de fazendas, expansão de frentes agropecuárias, políticas oficiais de colonização agrícola, processos de urbanização, etc.

Isso posto, entendemos que neste momento em que parte da população brasileira, sobretudo as elites, prepara-se para as festividades do quingentésimo aniversário da chegada do conquistador português Pedro Álvares Cabral à porção oriental da América do Sul, é preciso aprofundar as reflexões acerca da história e da atual realidade socioeconômica, política e cultural de nosso país. Às vésperas de um novo milênio, temas como pré-história ameríndia, preservação do patrimônio cultural – incluindo aqui o arqueológico – e o saldo de cinco séculos de contatos entre indígenas e não-indígenas, não podem ficar à margem de importantes debates nacionais; são de fundamental importância para um (re)pensar contínuo sobre nossa identidade enquanto nação e na perspectiva de construirmos uma democracia baseada no princípio da radicalização da cidadania, enfim, de um Brasil mais feliz. Logo, a construção de um país mais feliz, com liberdade e justiça social, também passa pelo respeito aos direitos dos povos indígenas; do contrário, estaremos caminhando a passos largos rumo à barbárie.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ab'Sáber, A. N. 1988 O Pantanal Mato-grossense e a teoria dos refúgios. *Revista Brasileira de Geografia*, 50: 9-57, Rio de Janeiro.
- _____. 1994 Redutos florestais, refúgios de fauna e refúgios de homens. *Revista de Arqueologia*, 8(2): 1-35, São Paulo.
- Adámoli, J. 1986 Fitogeografia do Pantanal. *Anais do I Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal*, Corumbá-MS, pp. 105-6.

- Anais da Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas. 1996 *Fundamentos*, 1 (1), São Raimundo Nonato.
- Andreatta, M. D. 1982 Padrões de povoamento em pré-história goiana: análise de sítio tipo. Tese de Doutorado, USP, São Paulo.
- _____. 1985 Projeto Anhangüera de Arqueologia de Goiás (1975-1985). *Revista do Museu Paulista*, 33: 143-56. São Paulo.
- Atáides, J. 1998 *Sob o signo da violência: colonizadores e Kayapó do Sul no Brasil Central*. EdUCG, Goiânia.
- Barbosa, A. S. 1981-1984 O período arqueológico Arcaico em Goiás. *Anuário de Divulgação Científica*, 10: 85-97, Goiânia.
- Beber, M. V. 1994 Arte Rupestre do Nordeste do Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado, Unisinos, São Leopoldo.
- Becquelin, P. 1993 Arqueologia Xinguana. In: Coelho, V. P. (org.), *Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu*, pp.223-32. Edusp, São Paulo.
- Bird-David, N. H. 1995. Hunters and gatherers and other people — a re-examination. In: Ingold, Riches e Woodburn (eds.), *Hunters and Gatherers: History, Evolution and Social Change*. Washington.
- Boggiani, P. C.; Coimbra, A. M. 1995 Quaternary Limestones of Pantanal Area, Brazil. *Anuário da Academia Brasileira de Ciências*, 67 (3): 343-9, Rio de Janeiro.
- Boggiani, P. C. et al. 1998 Significado paleoclimático das lentes calcárias do Pantanal de Miranda — Mato Grosso do Sul. *Anais do 40º Congresso Brasileiro de Geologia*, p. 88, Belo Horizonte.
- Brochado, J. P. 1984 An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South America. Tese de Doutorado, University of Illinois at Urbana-Champaign, Urbana-Champaign.
- _____. 1989 Expansão dos Tupi e da cerâmica da Tradição Policrômica Amazônica. *Dédalo* (27): 65-82. São Paulo.
- Caggiano, M. A. 1984 Prehistoria del N.E. Argentino: sus vinculaciones con la República Oriental del Uruguay y Sur de Brasil. *Pesquisas, Série Antropologia*, 38, São Leopoldo.
- _____. 1994 Arqueologia de las tierras bajas del Chaco Austral (Argentina). *Revista de Arqueologia*, 8 (2): 205-18, São Paulo.
- Carneiro, R. 1956 Slash-and-burn agriculture: a closer look at its implications for settlement patterns. In: Wallace, A. F. C. (ed.), *Men and Cultures. Selected Papers of the V International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences*, pp. 229-34. University of Pensilvania, Philadelphia.
- Carvalho, S. M. S. 1992 Chaco: encruzilhada de povos e “melting pot” cultural, suas relações com a bacia do Paraná e o Sul mato-grossense. In: Cunha, M. C. da (org.), *História dos Índios no Brasil*, pp. 457-74. Fapesp/Companhia das Letras/SMC, São Paulo.
- Cunha, N. G. et al. 1985 *Solos Calcimórficos da Sub-Região do Abobral, Pantanal Mato-grossense*. Série Circular Técnica 19. Embrapa, Corumbá.
- Dias, O. F. 1981 Pesquisas Arqueológicas no Sudeste Brasileiro — II. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, 2: 1-22, Rio de Janeiro.
- Fensterseifer, E.; Schmitz, P. I. 1975 Fase Iporá: uma fase Tupiguarani no sudoeste de Goiás. *Anuário de Divulgação Científica*, Goiânia, (2): 19-7.
- Ferrer, D. 1952 Ânua do padre Diogo Ferrer para o provincial sôbre a geografia e etnografia dos indígenas do Itatim (21-8-1633). In: Cortesão, J. *Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1760)*, pp. 29-49. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
- Fiedel, S. J. 1996 *Prehistoria de América*. Tradução de M. Ríos. 2ª ed. Crítica, Barcelona.
- Fogaça, E. 1991 A tradição Itaparica e as indústrias líticas pré-cerâmicas da Lapa do Boquete (MG-Brasil). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, (5): 145-58. São Paulo.
- Francischini, S. (org.). 1996 *Pantanal: um passeio pelo paraíso ecológico*. Enciclopédia multimídia em cd-rom. Posthage/Embrapa/Sebrae, Campo Grande.
- Girelli, M. 1994 Lajedos com gravuras na região de Corumbá, MS. Dissertação de Mestrado, Unisinos, São Leopoldo.
- _____. 1996 Pesquisas arqueológicas no Pantanal do Mato Grosso do Sul. *Estudos Leopoldenses*, 32(147): 91-107. São Leopoldo.
- González, E. M. R. 1996a. A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: origens e desenvolvimento. Tese de Doutorado, USP, São Paulo.
- _____. 1996b Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro. *Revista do Museu de Arqueologia*

- e *Etnologia*, 6: 83-121. São Paulo.
- Heckenberger, M. J. 1998 Manioc agriculture and sedentarism in Amazonia: the Upper Xingu example. *Antiquity*, 72: 633-48.
- Herberts, A. L. 1998 Os Mbayá-Guaicurú: área, assentamento, subsistência e cultura material. Dissertação de Mestrado, Unisinos, São Leopoldo.
- Kashimoto, E. M. 1997 Variáveis ambientais e Arqueologia no Alto Paraná. Tese de Doutorado, USP, São Paulo.
- Kipnis, R. 1998 Early hunter-gatherers in the Americas: perspectives from central Brazil. *Antiquity*, 72: 581-92.
- La Salvia, F.; Brochado, J. P. 1989 *Cerâmica Guarani*. 2ª ed. Posenato Arte e Cultura, Porto Alegre.
- Lahr, M. M.; Neves, W. (org.). Dossiê "Surgimento do Homem na América". *Revista USP*, 34: 5-106. São Paulo.
- Magalhães, N. W. de. 1992 *Conheça o Pantanal*. Terragraph, São Paulo, 1992.
- Martins, D. 1996 *Relatórios de levantamento e Resgate de Serra da Mesa*. Museu Antropológico — UFG, Goiânia.
- _____. 1998 Materiais arqueológicos: indústrias líticas. *Projeto de Salvamento Arqueológico Pré-histórico da UHE — Serra da Mesa*, v. 2. Museu Antropológico-UCG, Goiânia.
- Martins, G. R. 1996 Arqueologia do Planalto de Maracaju-Campo Grande: o estudo do sítio Maracaju-1 através da análise quantitativa de sua indústria lítica. Tese de Doutorado, USP, São Paulo.
- _____. 1998 Relatório de registro de sítios arqueológicos em Rio Negro-MS. *Fronteiras*, 2(4): 223-50. Campo Grande.
- Martins, G. R.; Kashimoto, E. M. 1998 Arqueologia na área impactada pelo Gasoduto Bolívia-Brasil: trecho Terenos Três Lagoas/MS. *Revista do Museu e Arqueologia e Etnologia*, 8: 87-107. São Paulo.
- Martins, G. R.; Kashimoto, E. M. 1999a *Resgate arqueológico na área do Gasoduto Bolívia/Brasil em Mato Grosso do Sul*. EdUFMS, Campo Grande.
- Martins, G. R.; Kashimoto, E. M. 1999b *Projeto de Salvamento Arqueológico na Área Impactada pelo Gasoduto Bolívia/Mato Grosso (Trecho Brasileiro)*. Primeiro Relatório Trimestral. Fapec-UFMS/Gasocidente do Mato Grosso Ltda., Campo Grande (não publicado).
- Martins, G. R.; Kashimoto, E. M. 1999c Projeto "Salvamento Arqueológico na Área Impactada pelo Gasoduto Bolívia/Mato Grosso: Trecho Brasileiro". *Anais da X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Recife (no prelo).
- Mazz, J. M. L. 1994 Uso y organización del espacio en las tierras bajas de la cuenca de la Laguna Merín. *Revista de Arqueología*, 8(2): 181-204. São Paulo.
- _____. 1998 La construcción de túmulos entre cazadores-coletores complejos del Este de Uruguay: la emergencia de la complejidade entre cazadores-coletores. *Fronteiras*, 2(4): 297-310. Campo Grande.
- Meggers, B. J. 1954 Environment limitation on the development of culture. *American Anthropologist*, (56): 801-24.
- Mello, P. et al. 1996 *Levantamento e resgate do patrimônio arqueológico da área diretamente afetada pela Usina Hidrelétrica Corumbá (GO)*. Relatório Final. IGPA-UCG, Goiânia.
- Miller, E. T. 1983 História da cultura indígena do alto-médio Guaporé (Rondônia e Mato Grosso). Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre.
- _____. 1987 Pesquisa arqueológica paleoindígena no Brasil Ocidental. *Estudios Atacameños*, 8: 37-61. San Pedro de Atacama.
- Miranda, J. I. et al. 1967 Nota sobre restos arqueológicos del Chaco (Prov. Argentina). *Suplemento Antropológico*, 2(2): 415-23. Asunción.
- Moreira, E. 1981-1984 Análise dos restos de alimentos de origem animal — Programa Arqueológico de Goiás, recolhidos nas escavações do abrigo GO-JA-01. *Anuário de Divulgação Científica*, 10: 98-112. Goiânia.
- Neves, W. A. et al. 1996 Incidência de cáries na população de Santana do Riacho e o mito do paleoíndio caçador. *IV Congreso de La Asociación Latino Americana de Antropología Biológica*, Buenos Aires.
- Noelli, F. S. 1993. Sem Tekohá não há Teko: em busca de modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani... Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre.
- Oliveira, J. E. de. 1994 A utilização da analogia etnográfica no estudo dos aterros da região pantaneira de Corumbá, MS. *Revista de Arqueologia*, 8(2): 159-67. São Paulo.
- Oliveira, J. E. de. 1995 Os argonautas Guató... Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre.
- _____. 1996 *Guató — Argonautas do Pantanal*. Edipucrs, Porto Alegre.
- _____. 1997a Ambiente e cultura no contexto da ocupação indígena das áreas inundáveis da planície de inundação do Pantanal. *Notícias de Antropología y Arqueología*, Revista Eletrônica, 19: 1-19. Buenos Aires.
- _____. 1997b A teoria dos refúgios e a ocupação indígena das áreas inundáveis do Pantanal. *Revista de Geografia*, 6: 23-30. Campo Grande.

- _____. 1997c Levantamento arqueológico, para fins de diagnóstico de bens pré-históricos, em áreas de implantação de dutovias. In: Caldarelli, S. B. (org.), *Atas do Simpósio sobre Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural*, pp. 28-34. IGPA-UCG/Fórum Interdisciplinar para o Avanço da Arqueologia, Goiânia.
- _____. 1997d A Hidrovia Paraguai-Paraná e o patrimônio arqueológico brasileiro: denúncia de um caso de sofisma. *Fronteiras*, 1 (2): 47-64. Campo Grande.
- _____. 1998 O sítio arqueológico existente no km 29 do Gasoduto Bolívia-Brasil em Corumbá-MS: relatório final. UFMS-Fapec/Petrobras, Dourados, (não publicado).
- Oliveira, J. E. de; Peixoto, J. L. dos S. 1997 Prospecção arqueológica na área a ser diretamente impactada pelo Gasoduto Bolívia-Brasil em Mato Grosso do Sul (km Zero-350). UFMS-Fapec/Petrobras, Corumbá/Dourados (não publicado).
- Olmedo, M. N. 1966 *El Gran Chaco Paraguayo: amparo de civilización y progreso*. Asunción.
- Pardi, M. L. 1995 Frentes de expansão: seu potencial e impacto sobre o patrimônio arqueológico — o caso da Amazônia Mato-grossense e a partir de um reconhecimento da 14ª CR/Iphan. In: Kern, A. A. (org.), *Anais da VIII Reunião Científica da SAB*, v. 1, pp. 289-306. Edipucrs, Porto Alegre.
- Passos, J. A. de M. B. 1975 Alguns petróglifos em Mato Grosso com apêndice sobre outros do Paraguai e Bolívia. Tese de Livre-Docência, USP, São Paulo.
- Peixoto, J. L. dos S. 1995 A ocupação Tupiguarani na borda oeste do Pantanal Sul-Mato-grossense: Maciço do Urucum. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre.
- Petrullo, V. M. 1932 Primitive peoples of Matto Grosso. *The Museum Journal*, 2(23): 91-178. Philadelphia.
- Prous, A. 1992 *Arqueologia Brasileira*. EdUnB, Brasília.
- Renfrew, C.; Bahn, P. 1998 *Arqueología: teorías, métodos y práctica*. Traducción de M. J. M. Rial. 2ª ed. Akal, Madrid.
- Ribeiro, M. et al. 1988 *Projeto de Levantamento do Potencial Arqueológico da UHE — Barra do Peixe*. IGPA-UCG, Goiânia.
- Rogge, J. H.; Schmitz, P. I. 1992 Projeto Corumbá: a cerâmica dos aterros. *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, pp. 784-91, Rio de Janeiro.
- Rogge, J. H.; Schmitz, P. I. 1994 Projeto Corumbá: a ocupação pelos grupos ceramistas pré-coloniais. *Revista de Arqueologia*, 8(2): 169-80. São Paulo.
- Rosa, A. O. 1997 Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul — Projeto Corumbá: análise preliminar dos restos faunísticos. *Biblos*, 9: 117-26. Rio Grande.
- _____. 1998 Os restos faunísticos. *Pesquisas, Série Antropologia*, 54: 171-95. São Leopoldo.
- Schiffer, M. 1988 The struture of Archaeology. *American Antiquity*, 53(3): 461-85. Washington.
- Schmidt, M. 1912 Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910. *Zeitschrift für Ethnologie*, 44(1): 130-74. Berlin.
- _____. 1914 Die Guato und ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-fluss in Matto-Grosso. *Baessler-Archiv*, 4(6): 251-83. Berlin.
- _____. 1928 Ergebnisse meiner zweijährigen Forschungsreise in Mato-Grosso; September 1926 bis August 1928. *Zeitschrift für Ethnologie*, 60(1-3): 85-124. Berlin.
- _____. 1940a Hallazgos Prehistoricos en Matto-Grosso. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, 1(5): 27-62. Asunción.
- _____. 1940b Nuevos hallazgos de grabados rupestres en Matto Grosso. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, 1(5): 63-71. Asunción.
- _____. 1942a *Estudos de Etnologia Brasileira*. Tradução de C. B. Cannabrava, Nacional, São Paulo.
- _____. 1942b Resultados de mi tercera expedición a los Guatós efectuada en el año de 1928. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, 5(6): 41-75. Asunción.
- _____. 1951 Anotaciones sobre las plantas de cultivo y los metodos de agricultura de los indígenas sudamericanos. *Revista do Museu Paulista*, 5: 239-52. São Paulo.
- Schmitz, P. I. 1976-1977 Arqueologia de Goiás: seqüência cultural e datações de C14. *Anuário de Divulgação Científica*. Goiânia.
- _____. 1980. A evolução da cultura no Sudoeste de Goiás. *Pesquisas, Série Antropologia*, 31. São Leopoldo.
- _____. 1981-1982 Novos petróglifos em Goiás, Monte do Carmo, Caiapônia e Serranópolis. *Arquivos do Museu de História Natural*, 6-7: 409-18. Belo Horizonte.
- _____. 1984 *Caçadores e coletores antigos no Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste do Brasil*. IAP-Unisinos, São Leopoldo.

- _____. 1993 Programa Arqueológico do MS — Projeto Corumbá. In: Schmitz, P. I. (org.), *Trabalhos Apresentados no VI Simpósio Sul-riograndense de Arqueologia*, pp. 40-7. IAP-Unisinos, São Leopoldo.
- _____. 1997 Pantanal: os primeiros passos da pré-histórica. *Ciência Hoje*, 129(22): 36-45. Rio de Janeiro.
- _____. 1998 Arqueologia em Mato Grosso do Sul: dois projetos, dois resultados. *Fronteiras*, 2(4): 203-23. Campo Grande.
- _____. 1999a A questão do Paleoíndio. In: Tenório, M. C. (org.), *Pré-história da Terra Brasilis*, pp. 55-9. EdUFRJ, Rio de Janeiro.
- _____. 1999b Pescadores-caçadores-coletores do Pantanal do Mato Grosso do Sul. In: Tenório, M. C. (org.), *Pré-história da Terra Brasilis*, pp. 149-56. EdUFRJ, Rio de Janeiro.
- Schmitz, P. I.; Barbosa, A. S. 1985 *Horticultores pré-históricos do Estado de Goiás*. IAP-Unisinos, São Leopoldo.
- Schmitz, P. I. et al. 1978-1980 O Paleoíndio em Goiás. *Anuário de Divulgação Científica*, 5: 22-4. Goiânia.
- Schmitz, P. I. et al. 1981-1982 Os horticultores do Centro-Sul de Goiás. *Arquivos do Museu de História Natural*, 6-7: 221-34. Belo Horizonte.
- Schmitz, P. I. et al. 1982. Arqueologia do Centro-Sul de Goiás: uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil. *Pesquisas*, Série Antropologia, 33. São Leopoldo.
- Schmitz, P. I. et al. 1986 *Caiapônia*. IAP-Unisinos, São Leopoldo.
- Schmitz, P. I. et al. 1989 Arqueologia nos cerrados do Brasil central. Serranópolis I. *Pesquisas*, Série Antropologia, 44.
- Schmitz, P. I. et al. 1991 Os aterros dos campos do Sul: a Tradição Vieira. In: Kern, A. A. (org.), *Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul*, pp. 221-50. Mercado Aberto, Porto Alegre.
- Schmitz, P. I. et al. 1997a *Serranópolis II. As pinturas e gravuras dos abrigos*. IAP-Unisinos, São Leopoldo.
- Schmitz, P. I. et al. 1997b O Projeto Corumbá, oito anos de pesquisa no Pantanal do Mato Grosso do Sul. *Trabalhos apresentados pela equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas por ocasião da IX Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. IAP, São Leopoldo.
- Schmitz, P. I. et al. 1998 Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul. *Pesquisas*, Série Antropologia, 54. São Leopoldo.
- Schuch, M. E. J. 1995 Xaray e Chané: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no Alto Paraguai. Dissertação de Mestrado, Unisinos, São Leopoldo.
- Silva, C. J. da; Silva, J. A. F. 1995 *No Ritmo das Águas do Pantanal*. NUPAUB/USP, São Paulo.
- Silva, F. A. 1992 Manifestações artísticas pré-históricas: um estudo descritivo-classificatório e interpretativo da arte rupestre de Serranópolis — Goiás. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre.
- Silva, R. et al. 1997 *Resgate arqueológico dos sítios Lourenço e Gengibre*. Nacional/IGPA-UCG, Goiânia.
- Simões, M. 1967 Considerações preliminares sobre a Arqueologia do Alto Xingu (Mato Grosso). *Pronapa 1: Resultados Preliminares do Primeiro Ano (1965-1966)*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.
- Simonsen, I. 1975 *Alguns sítios arqueológicos da Fase Bambuí em Goiás*. Museu Antropológico-UFG, Goiânia.
- Simonsen, I.; Oliveira, A. de P. 1976 *A cerâmica da Lagoa de Mirarraré: notas prévias*. Museu Antropológico-UFG, Goiânia.
- Simonsen, I. et al. 1983-1984 Sítios cerâmicos da Bacia do Paranã — Goiás. *Arquivos do Museu de História Natural*, 8-9: 121-9. Belo Horizonte.
- Soares, A. L. R. 1997 *Guarani: Organização Social e Arqueologia*. Edipucrs, Porto Alegre.
- Souza, A. M. de. 1997 *Dicionário de Arqueologia*. Adesa, Rio de Janeiro.
- Souza, A. M. de. et al. 1979 *Projeto Bacia do Paranã II*. Museu Antropológico—UFG, Goiânia.
- Souza, A. M. de. et al. 1981-1982 Seqüência Arqueológica da Bacia do Paranã — fases pré-cerâmicas: Cocal, Paranã e Terra Ronca. *Arquivos do Museu de História Natural*, 6-7: 81-7. Belo Horizonte.
- Stern, A. B. de. 1941 Hallazgos arqueológicos en una zona inexplorada del Chaco. *Boletín del Museo Colonial, Histórico y de Bellas Artes*, 1(1): 11-24. Buenos Aires.
- Stern, A. B. 1944 Hallazgos de alfarería decorada en el territorio del Chaco. *Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología*, (4): 157-61. Buenos Aires.
- Susnik, B. J. 1959 Material arqueológico del area alto-paraguayense (Puerto 14 de Mayo). *Boletín del la Sociedad Científica del Paraguay y del Museo Etnográfico "Andrés Barbero"*, 3(1): 81-103. Asunción.
- _____. 1961 Clasificación de las poblaciones indígenas del area chaqueña. In: *Manual de Etnografía Paraguaya*, pp. 209-12. Museo Etnográfico "Andrés Barbero", Asunción.
- _____. 1972 Dimensiones migratorias y pautas culturales de los pueblos del Gran Chaco y de su periferia (enfoque etnológico). *Suplemento Antropológico*, 1-2(7): 85-107. Asunción.

- _____. 1975 *Dispersión Tupi-Guaraní pré-histórica: ensayo analítico*. Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, Asunción.
- _____. 1978 *Etnografía del Chaco Boreal y su periferia (siglos XVI y XVIII)*. Série Los Aborígenes del Paraguay I. Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, Asunción.
- _____. 1994 *Interpretación Etnocultural de la Complejidad Sudamericana Antigua I (formación y dispersión étnica)*. Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, Asunción.
- _____. 1995 *Interpretación Etnocultural de la Complejidad Sudamericana Antigua I (formación y dispersión étnica)*. Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, Asunción.
- _____. 1996 *Poblados & Vivendas. Manufactura Utilitária (âmbito sudamericano)*. Serie Manuales del Museo Etnográfico “Andrés Barbero” VI. Museo Etnográfico Andrés Barbero”, Asunción.
- _____. 1998 *Artesanía Indígena*. El Lector, Asunción.
- Tenório, M. C. (org.) 1999 *Pré-história da Terra Brasilis*. EdUFRJ, Rio de Janeiro.
- Veroneze, E. 1993 A ocupação do planalto central brasileiro: o nordeste do Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado, Unisinos, São Leopoldo.
- Viana, S. A. 1996 Análise espacial intra-sítio: o estudo do sítio Lourenço (GO-CA-14). *Revista de Arqueologia*, 9: 65-87. Rio de Janeiro.
- _____. 1999 *Sub-projeto de levantamento do patrimônio arqueológico pré-histórico da região da UHE-Manso/MT. Relatório Final*. IGPA-UCG, Goiânia.
- Vilhena-Vialou, A.; Vialou, D. 1987 Les peintures pariétales de Santa Elina, Mato Grosso, Brésil. *Bulletim de la Société Préhistorique Française*, 84: 10-2. Paris.
- Vilhena-Vialou, A.; Vialou, D. 1989 Abrigo pré-histórico Santa Elina, Mato Grosso: habitats e arte rupestre. *Revista de Pré-história*, 7: 34-53. São Paulo.
- Vilhena-Vialou, A.; Vialou, D. 1994 Les premiers peuplements préhistoriques du Mato Grosso. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 91(4-5): 257-63. Paris.
- Wiley, G. R. 1971 *An Introduction to American Archaeology*, v. 2. Prentice-Hall, Englewood Cliffs.
- Wiley, G. R.; Phillips, P. 1958 *Method and Theory in American Archaeology*. University of Chicago Press, Chicago.
- Wüst, I. 1975 A cerâmica Karajá de Aruanã. *Anuário de Divulgação Científica*, 2(2): 95-166 Goiânia.
- _____. 1983a Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás — tentativa de análise espacial. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo.
- _____. 1983b A pesquisa etnoarqueológica entre os Bororo do Mato Grosso. *Arquivo do Museu de História Natural*, 8-9: 285-96. Belo Horizonte.
- _____. 1989 Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área nuclear Bororo entre os rios Vermelho e Garças, MT. *Dédalo*, Publicações Avulsas, 1: 61-171, São Paulo.
- _____. 1990 Continuidade e Mudança — para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso. Tese de Doutorado, USP, São Paulo.
- _____. 1992 Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil central: o caso Bororo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2: 13-26. São Paulo.
- _____. 1994 The Eastern Bororo from an Archaeological Perspective. In: Roosevelt, A. (ed.), *Amazonia Indians from Prehistory to the Present: Anthropological Perspectives*, pp. 315-52. The University of Arizona Press, Tucson.
- _____. 1998a Continuities and discontinuities: archaeology and ethnoarchaeology in the heart of the Eastern Bororo territory, Mato Grosso, Brazil. *Antiquity* 72(277): 663-75.
- _____. 1999 As aldeias dos agricultores ceramistas do Centro-Oeste brasileiro. In: Tenório, M. C. (org.), *Pré-história da Terra Brasilis*, pp. 321-37. EdUFRJ, Rio de Janeiro.
- Wüst, I.; Barreto, C. 1999 The ring villages of central Brazil: a challenge for amazonian archaeology. *Latin American Antiquity*, 10(1): 3-23. Washington.
- Wüst, I.; Carvalho, H. B. 1996. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise espacial do sítio Guarã 1 (GO-NI-100). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 6: 47-81. São Paulo.
- Wüst, I.; Migliácio, M. C. 1994 Programa para Preservação do Patrimônio Arqueológico Pantaneiro. Relatório ao IBPC — 14ª Coordenação Regional, Brasília. Goiânia/Cuiabá (não publicado).
- Wüst, I.; Schmitz, P. I. 1975. Fase Jataí: estudo preliminar. *Anuário de Divulgação Científica II*, (2): 71-93. Goiânia.
- Wüst, I.; Vaz, L. J. de M. 1998. Grafismos de ação no alto São Francisco, sudeste do Mato Grosso. *Revista do Museu Antropológico*, 2(1): 47-88. Goiânia.